

**Universidade Federal da Integração Latino-Americana e Caribenha
Instituto Latino-Americano e Caribenho de Artes, Cultura e História
Diversidade Cultural Latino-Americana e Caribenha**

**IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03: O Movimento hip hop como
forma de ampliação do debate étnico-racial na educação.**

Janaina Jesus Lopes Santana

FOZ DO IGUAÇU
2016

JANAINA JESUS LOPES SANTANA

**IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03: O Movimento hip hop como
forma de ampliação do debate étnico-racial na educação.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia – Diversidade
Cultural Latino-Americana.

Sob a orientação da Profa. Dra. Angela
Maria de Souza

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora Angela Maria de Souza
(UNILA)

Profa. Dra. Silvana Aparecida de Souza
(UNIOESTE)

Prof. Dr. Waldemir Rosa
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 15 de julho de 2016.

Dedico este trabalho as mulheres que me criaram e me educaram na luta: minha avó Ana de Jesus Lopes e minha mãe Juliana de Jesus Lopes.

AGRADECIMENTOS

Aos orixás e aos meus ancestrais que lutaram e resistiram contra todo um sistema opressor e racista;

Agradeço a minha família pelo apoio e dedicação para que eu pudesse chegar onde estou: Mãe Juliana de Jesus Lopes, Pai João Eutiquio de Santana, Avó Ana de Jesus Lopes Santana, Avô Gregório Lopes dos Santos, Irmãos Pedro e Letícia, Tio Luciano de Jesus Lopes, Paulo Roberto Amaral Scarlate e a Amélia.

À Direção, a equipe pedagógica e as professoras do Colégio Carlos Drummond de Andrade que permitiram o desenvolvimento deste trabalho;

Aos jovens da sétima e oitava serie do Colégio Carlos Drummond de Andrade por me proporcionarem a realização das rodas de conversa e as trocas de conhecimento e de experiência.

Ao auxílio dos Movimentos sociais na produção e efetuação deste trabalho: O grupo de Afoxé Ogún Funmilaiyó, o Rapper Mano Zeu e o B.Boy Guilherme Break Sagaz.

À professora e amiga Angela Maria de Souza, pelos conselhos e pela orientação na caminhada tanto universitária como na vida.

Aos amigos e amigas por compartilhar momentos alegres e tristes e pelo apoio e ajuda nessa caminhada difícil, mas extremamente prazerosa: Fernanda Lopes Pimentel, Sebastián Guach, Crica Galdino, Mãe Marina Tunere, Mãe Angela Lyaloi, Mauricio Santos, Roberta Aureo, Juliana Zacarias, Lais Cabral, Thiago Augusto Machado, Griván Mendes, Thamires Nunes, Isadora Bandeira, Lays Laine, Junior Costa, Angelica, Raquel, Denise, Karen. Sabatha, Ronaldo Silva e Ariana. A companheira de caminhada e de empoderamento que vem me ajudando muito nessa etapa difícil com muito amor e carinho Fabiola Cristina Montegutti e a sua Mãe Marcia Montegutti .

Agradeço a UNILA, pelos recursos financeiros como: bolsas de iniciação científica (PIBIC e CNPq), extensão e os auxílios permanências que me ajudaram a conseguir terminar os estudos.

*É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olhe as crianças que é o futuro e a esperança
Que ainda não conhece, não sente o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
Falo do enfermo irmão, falo do são então,
Falo da rua que pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união*

Trecho da música “A Vida é Desafio” do grupo de RAP Racionais MC’S

SANTANA, Janaina Jesus Lopes. **Implementação da lei 10.639/03:O Movimento hip hop como forma de ampliação do debate étnico-racial na educação.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

Esta Monografia, intitulada **Implementação da lei 10.639/03:O Movimento hip hop** como forma de ampliação do debate étnico-racial na educação, aborda as práticas do Movimento hip hop como estratégias pedagógicas para a implementação da Lei 10.639/03, ou seja, os conteúdos africanos e afro-brasileiros nos currículos escolares. Com este objetivo, o trabalho de pesquisa foi realizado no Colégio Carlos Drummond de Andrade, no Bairro Morumbi II na Cidade de Foz do Iguaçu, com jovens de 13 a 14 anos que estão na sétima e oitava séries. Uma das principais estratégias para abordar as diferentes temáticas que a Lei propõe foram as Rodas de Conversa, que possibilitaram maior interação entre os estudantes. Nestes encontros foram abordados temas como o processo histórico da escravização, as diferentes formas de racismo, violências, preconceitos, estereótipos, o papel da mulher negra na sociedade, religiões de matriz africana e ritmos afro-brasileiros. A monografia aqui apresentada está estruturada em três capítulos. Capítulo 1 “Da ponte para cá”, apresenta a Trajetória do Movimento hip-hop, a contextualização histórico-social e a formação do Movimento hip hop em Foz do Iguaçu. O capítulo 2 – “Zumbi vive ainda, pois a luta não acabou” aborda a discussão sobre a formação da Diáspora Negra e o Movimento Negro no Brasil, discutindo a construção da identidade negra, o racismo e a educação das relações étnico-raciais. E o Capítulo 3 “Rap-sando a educação” que aborda as ações pedagógicas tendo o rap como estratégia de abordagem para a inserção de conteúdos e debates referentes a Lei 10.639/03. Para o suporte teórico metodológico foram utilizado : Dayrell (2002), Andrade (1999), Passos (2012), Souza (2009), Munanga (2008), Rosa (2013), Hall (2006), entre outros(as).

Palavra Chave: Movimento hip hop, educação étnico-racial e juventude.

Abstract

This monograph entitled Implementation of the law 10.639 / 03: The Hip Hop movement as a way of expanding the ethnic debate - racial education, addresses the hip hop movement practice as pedagogical strategies for the implementation of Law 10.639 / 03, that is, African content and African-Brazilian in school curriculum. To this end, the research work was conducted at the College Carlos Drummond Andrade in Morumbi II neighborhood in the city of Foz do Iguaçu, with young people from 13 to 14 years who are in seventh and eighth grade. One of the main strategies to claim the different issues that the law proposed were the “round of conversation”, which allowed greater interaction among students. These meetings were addressed topics such as the historical process of enslavement, the various forms of racism, violence, prejudice, stereotypes, the role of black women in society, religions of African origin and African-Brazilian rhythms. The paper presented here is structured into three chapters. Chapter 1 - entitled "From the bridge to here," shows the trajectory of the hip-hop movement, the historical and social context and the formation of the hip hop movement in Foz do Iguaçu. Chapter 2 - "Zumbi is still alive, cause the fight is not over" deals with the discussion of the formation of the Black Diaspora and the Black Movement in Brazil, discussing the construction of black identity, racism and education of ethnic-racial relations. And, Chapter 3 - "Rap-sando education" that addresses the educational activities taking rap as an approach strategy for the integration of content and debates relating to Law 10.639 / 03. For methodological theoretical support were used: Dayrell (2002) Andrade (1999), Passos (2012), Souza (2009), Munanga (2008), Rose (2013), Hall (2006).

Keywords: Hip Hop Movement , ethnic -racial education and youth .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOGRAFIAS

LISTA DE TABELA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIGURA 1- Dados populacionais de Foz do Iguaçu (IGBE, 2010).....	15
FIGURA 2 – Divisão regional da cidade 12 regiões.....	24
FIGURA 3 - Localização da cidade.....	25
FIGURA 4 – Fanzine a chave é a união (cartel do rap, 2009).....	27
FIGURA 5 - taxa de escolarização por sexo, cor/raça e nível se ensino.....	52
FIGURA 6 - Taxa de homicídio da população jovem por cor/raça no Brasil....	55
FIGURA 7 - Rotas do trafico dos navios negreiros.....	58
FIGURA 8 – Dançamos.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – “Da ponte para cá”	19
1.1 Trajetórias do Movimento Hip-Hop	19
1.2 Contextualizações do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu	23
1.3 O estudo daqui é o medo de lá	27
CAPÍTULO 2 - “Zumbi vive ainda, pois a luta não acabou”	29
2.1 Sobre a Diáspora e o Movimento Negro no Brasil	29
2.2 Construções da Identidade Negra e Racismo	32
2.3 As relações étnico-raciais, a educação e o rap como proposta	35
CAPÍTULO 3 – “Rap-sando a educação”	39
3.1 Apresentações física do Colégio	42
3.2 Rap-sando a educação – pratica	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

O Movimento hip hop surge no final da década de 1970 a partir do encontro de jovens negros, latinos-americanos e caribenhos nos Estados Unidos e espalha-se por diversos países a partir da década de 1980. Esse movimento, além das práticas artístico-culturais tornou-se um importante espaço de debate e reivindicações de direitos e cidadania de jovens, em sua grande parte negros, homens e mulheres, moradores de periferia. No Brasil, localiza-se inicialmente em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Neste contexto o Movimento se espalha e amplia seu alcance chegando a locais específicos como a cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, na qual esta pesquisa foi realizada. Além de se difundir enquanto movimento artístico-cultural se fortalece enquanto uma prática intelectual que passa a ocupar espaços de interlocução, entre os quais está a educação¹.

A partir desta relação entre Movimento hip hop e educação, esta pesquisa foi realizada no Colégio Estadual *Carlos Drummond de Andrade* no bairro Morumbi II, localizado na periferia da cidade de Foz do Iguaçu. O objetivo principal deste trabalho é problematizar o uso do rap, e outras práticas do Movimento hip hop, em sala de aula como um instrumento que estimule o debate étnico-racial desde uma perspectiva didática. Para uma melhor interação com os estudantes foram realizadas rodas de conversa com jovens de 13 a 14 anos sobre temas como o processo histórico da escravização, as diferentes formas de racismo, violências, preconceitos, estereótipos, o papel da mulher negra na sociedade, religiões de matriz africana e ritmos afro-brasileiros, enfatizando a atenção especial a implementação das Leis 10.639/03 e 11.635/08, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena”.

De acordo com Souza (2009) pesquisadora negra do Movimento hip hop, através da música, o rap se transformou numa importante produção intelectual sobre os espaços

¹ Entre os/as autores/as que trabalham com Movimento hip hop e Educação, podemos citar: Andrade (1999), Dairell (2002) e Passos (2012), entre outros.

e vivências destes jovens. Neste sentido, nesta pesquisa, o rap, foi utilizado como um instrumento que possibilitou a interlocução com os estudantes, especialmente para inserção e o debate sobre os conteúdos propostos pela lei acima citada. Sendo assim, para iniciar esta pesquisa torna-se importante apontar que o Movimento hip hop é fruto de lutas históricas dos afro-latino-americanos e caribenhos contra as opressões e as violências vividas no contexto norte-americano.

Tanto no Brasil quanto nos EUA as populações negras passaram por um período intenso de lutas por direitos e resgate/construção de identidades, entre os quais estão as lutas pelos direitos civis, na década de 1960 nos EUA. Neste contexto, o Movimento hip hop é um movimento social que apesar de possuir demandas e trajetórias específicas se relaciona ao movimento negro (Moassab, 2011, p.70).

Conforme foi se expandindo, a estética do Movimento hip hop foi se modificando de acordo como os espaços geográficos, as cidades, com suas devidas especificidades sociais e econômicas (Souza, 2009). Com letras que retratam a realidade na qual o rap foi construído, nas experiências vivenciadas dos MC's,² DJ's³ e B-BOYS⁴ – que tecem uma conexão entre suas vivências e o público que os assistem. Essas narrativas abordam temas como a falta de políticas públicas, violência policial, problemas de moradia, dificuldade de locomoção – pois moram em bairros afastados do centro - apontando que todos estes problemas precisam ser discutidos a partir de abordagens mais amplas, como as diferentes formas de manifestação do racismo, gerador de grandes desigualdades sociais, muitas das quais vivenciadas por estes jovens. Neste contexto, suas narrativas musicais vão sendo criadas como importante forma de reflexão social. Mesmo possuindo uma diversidade interna em suas formas de manifestação artística e política, o Movimento hip hop desde sua raiz vem desenvolvendo um papel de reivindicação política e social e é sobre esta forma de manifestação artístico-cultural que a pesquisa aqui apresentada direciona sua discussão.

Portanto, esse trabalho se propõe a realizar uma ponte entre essa “prática de rua” e o espaço de sala de aula, no sentido de colocar como proposta a descolonização dos conhecimentos (QUIJANO, 2005), aproximar o conteúdo programático escolar com os

² MC's, - Mestre de Cerimônia - normalmente escrevem as suas letras e as comunicam ao público. Disponível em: <http://alemdos4elementos.blogspot.com.br/2010/03/mc-mestre-de-cerimonia.html>. Acesso em 25/06/2016

³ DJ's - Disc-Jóquei, responsável pelos efeitos sonoros e mixagens. Disponível em: <http://alemdos4elementos.blogspot.com.br/2010/03/mc-mestre-de-cerimonia.html>. Acesso em 25/06/2016

⁴ B-BOYS - É o nome de quem pratica o break, a dança do Movimento hip hop Disponível em: <http://alemdos4elementos.blogspot.com.br/2010/03/mc-mestre-de-cerimonia.html>. Acesso em 25/06/2016

saberes desses estudantes. A proposta é identificar como as formas alternativas de didática, como a incorporação do Movimento hip hop dentro de sala de aula, alcança o debate étnico-racial na educação e fazer a junção entre a pedagogia adotada em sala com essas narrativas. Buscar a aprendizagem coletiva com esses jovens para compreender e vivenciar como essas formas contribuem para fomentar o debate proposto na escola, assim problematizando situações decorrentes em nossa sociedade, tais como: racismo, violências e preconceito, entre outras e que atingem jovens, negros, homens e mulheres e que espalham-se em diferentes espaços sociais. Neste sentido a Escola torna-se espaço de fundamental importância para fomentar este debate e estimular uma postura crítica dos/as estudantes. Com esta proposta é que a pesquisa se realizou no Colégio Carlos Drummond de Andrade, no Bairro Morumbi II – Foz do Iguaçu.

Breve panorama sobre a Cidade de Foz do Iguaçu

Torna-se importante conhecer o contexto sociocultural e histórico vivenciado por estes jovens moradores de Foz do Iguaçu, estudantes do Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade – Morumbi II. Para esta contextualização apresentar a cidade é uma maneira de conhecer o espaço local com o qual estes jovens interagem.

O autor Emilio Gonzalez (2005) em seu artigo, intitulado “Memórias que narram a cidade: experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu”, nos apresenta que a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu⁵, já em 1973, resultou em grandes impactos na divisão socio-espacial, a partir disso a cidade passaria a ser dividida entre regiões. Essa divisão consistiria em Vila A, Vila B e Vila C, bairros construídos por Itaipú para abrigar os trabalhadores que para a cidade foram deslocados para construir a hidrelétrica. A Vila C abrigava a classe operacional da usina, enquanto que no bairro Vila B estavam os engenheiros e diretores e o bairro Vila A moravam os técnicos, gerentes e supervisores. Ampliando, dessa forma, uma divisão de classe na cidade, que de acordo com o autor Iguaçuense Perci Lima (2011):

⁵ Usina Hidrelétrica de Itaipu - é uma usina hidrelétrica binacional localizada no Rio Paraná, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A barragem foi construída pelos dois países entre 1975 e 1982, período em que ambos eram governados por ditaduras militares. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/perguntas-frequentes> Acesso em 25/06/2016

Todo esse crescimento trouxe transformações no quadro urbano do município, acarretando elevada demanda nos serviços públicos e privados, não só para a construção da usina, bem como para satisfazer às necessidades dos próprios trabalhadores e de suas famílias, que atraídos pela oferta de emprego, devido ao porte da obra, para cá se mudavam. Para o suprimento de toda a demanda, estabeleceu-se um mercado em potencial, que criou inúmeras novas empresas, principalmente para atender a Itaipu, sua principal cliente. (LIMA, 2011, p.103-104).

Além dessas transformações sócio-espaciais houve também uma mudança quantitativa acerca da população, com a construção da hidroelétrica de Itaipu muitos trabalhadores vieram de outros lugares em busca de empregos. A partir desse período a cidade que registrava pouco mais de 33 mil habitantes no início de 1970, chegaria ao final da década de 1990 com cerca de 270 mil habitantes. Ao término da construção da Itaipu, muitos desses trabalhadores se instalaram na cidade com suas famílias, buscando empregos no turismo e na relação comercial com o Paraguai. Nesse contexto, para o autor, a Itaipu Binacional

teve um papel preponderante na história econômica, política e social desta cidade, pois o crescimento e a prosperidade deve-se muito a ela. Em compensação deixou um legado de violência e miséria. Violência que começou com as desapropriações das terras alagadas pelo lago de Itaipu, cujos proprietários tiveram seus bens desapropriados a preço, em alguns casos, víl, gerando revoltas desses desapropriados, pelos muitos desempregados que circulam pela periferia de nossa cidade, com a criação de bairros desestruturados socialmente, mal que perdura até os dias de hoje. Esses bairros foram criados porque começou as demissões graduais nas obras da usina a medida que ela ia sendo concluída. Os peões que por aqui já viviam a mais de dez anos, perdiam o vínculo com seus locais de origem e por aqui ficavam na esperança de continuar a manter o padrão de vida adquirido enquanto eram empregados da Itaipu. (LIMA, 2001, p.104).

Com essa nova configuração populacional a cidade de Foz do Iguaçu aumentou significativamente. A situação populacional provocada pela construção de Itaipu na

cidade, se assemelha ao que coloca Lélia Gonzalez (1982) ativista negra, professora e antropóloga brasileira, que a partir dos anos 1960 na época de ditadura no Brasil houve um grande êxodo do campo para a cidade e nesse contexto muitos desses trabalhadores vieram do interior de São Paulo ou do interior de Minas Gerais com esperança de uma vida melhor, para uma cidade com mais oportunidades. Lélia Gonzalez (1982) nos diz que durante a ditadura militar houve o “milagre econômico” e que mais uma vez a população que ficou de fora da “partilha do bolo” foram os pobres, negros e indígenas. Segue o quadro dos dados populacionais da cidade atualmente:

FIGURA 1 - Dados populacionais de Foz do Iguaçu (IBGE, 2010)

Raça ou cor	Número total	Homens	Mulheres	Com renda menor que 1 salário mínimo	Alfabetizados
Branca	162.593	77.630	84.963	24.498	141.478
Preta	9.170	4.094	4.266	2.196	7.866
Amarela	3.550	1.726	1.824	512	3.209
Parda	80.366	39.746	40.620	16.524	68.482
Indígena	406	210	196	115	339
Não declarado	3	2	1	-	3
Total	256.088	124.218	131.870	43.845	221.377

Estes dados nos mostram que do total de 256.088 habitantes de Foz do Iguaçu, 89.536 da população total da cidade se autodeclararam pretas ou pardas, o que equivale a mais de 36% da população local. Estes dados apresentam uma cidade com características bastante peculiares, com relação a sua composição étnico-racial e desmistificam a imagem relacionada a imigração europeia, inúmeras vezes apresentada como característica do sul do Brasil. E é esta cidade que emerge na produção musical do Movimento hip hop da fronteira que apresenta uma cidade em que estão os problemas sociais, as desigualdades, os preconceitos.

Quando escolhi o rap pra trabalhar em sala de aula com estes estudantes fiz uma escolha política, pois assim como eles, também vivi num bairro periférico. Como estes jovens tive semelhantes dificuldades em meu processo de aprendizagem e como

frequentemente escutava rap pude refletir sobre alguns problemas sociais e que me ajudaram na minha trajetória até a universidade. Neste sentido, vale ressaltar que a definição desta proposta de pesquisa está diretamente relacionada a minha vivência no sentido de aproximação do contexto dos estudantes.

Partindo desta perspectiva, esta pesquisa possui algumas escolhas metodologias para melhor abordar esta relação. Utilizei a antropóloga Jeanne Favret-Saada, que elabora sua teoria a partir do fato da pesquisadora ser “afetada” pelo seu contexto de pesquisa e a recíproca que produz inevitavelmente todo verdadeiro contato com o outro (Favret-Saada, 2008, p. 90). Neste sentido a autora, a partir de sua experiência de pesquisa, aponta que os interlocutores com os quais interagimos no trabalho de campo, nos “afetam” de forma determinante em nossas vidas. A pesquisa nos modifica. E neste sentido a escolha do tema de pesquisa parte também de uma aproximação de experiências e vivências na relação pessoal com o ensino. Mais especificamente sobre outras abordagens e perspectivas metodológicas que podem interagir em sala de aula, como é o caso do Movimento hip hop e que parte de minhas práticas e experiências enquanto moradora de periferia, na qual o rap estava presente, e possibilitava outras reflexões outras percepções sobre a própria escola.

Nesta aproximação utilizei como metodologia principal a etnográfica⁶ (PEIRANO, 1995), com trabalho de campo realizado no Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade, localizada no bairro Morumbi (PR). Minha escolha por essa metodologia se dá próxima as questões apontadas por Favret-Saada (2008), pois me sentia próxima ao trabalho da autora, quando ela coloca que sua trajetória pessoal interferiu diretamente em seu trabalho de campo, sendo ela filha de judeus em uma sociedade misógina, colonial e racista, levando o trabalho campo a uma posição política, pois só trabalhou com população de refugiados, onde se via naquelas pessoas.

Como parte da etnografia utilizei a pesquisa-ação, segundo Maria Amélia Santoro Franco (2005) essa metodologia opta por pensar que a pesquisa e a ação devem andar juntas com a intenção de transformar a prática, transformação esta vislumbrada no meu trabalho com os estudantes e professores da escola pública Carlos Drummond de

⁶ Segundo a antropóloga Mariza Peirano (1995, p.31) a etnografia está dividida em três partes: “Esse 'modo de acercamento' ou 'mergulho' tem suas fases. A primeira delas é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os 'nativos' (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como 'trabalho de campo'. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa.”

Andrade e com a minha trajetória enquanto pesquisadora. Segundo a autora, a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo. As reflexões e discussões foram feitas no formato de rodas de conversa, por meio de textos e multimídia como vídeos clipes, documentários e músicas buscando desenvolver desta maneira um espaço de socialização de conhecimentos.

Foram utilizados letras de rap para fomentar a discussão sobre racismo e violência no espaço em que esses jovens circulam, como a escola e seus bairros, tentando tecer uma linha condutora entre a bagagens pessoais, no caso dos rappers que entoam em suas rimas experiências e o seu cotidiano, com as vivências daqueles estudantes moradores de Foz do Iguaçu, realizando reflexões e debates importantes sobre a própria cidade. A expressividade sonora e de significação dos signos contidos nas músicas foi o principal elemento para a escolha desse tema, que nos faz refletir sobre práticas sociais, colocando o modo de fazer e pensar do rap não somente como representação artística, mas como uma ferramenta de denúncia que o torna também manifestação política.

Neste trabalho, torna-se importante mostrar a trajetória que possibilitou a realização desta pesquisa. Os primeiros trabalhos que realizei sobre o Movimento hip hop de Foz do Iguaçu, ocorreram através do projeto de iniciação científica realizada em 2013-15, intitulada: “Pontes e fluxos do Rap entre Paraguai e Brasil: Movimento Hip-Hop entre Fronteiras”. Este projeto possibilitou conhecer o contexto de formação e práticas do Movimento hip hop da fronteira.

Outro momento importante ocorreu durante a realização do Projeto de Extensão “Coletivo Mojubá” (2013), onde realizei o primeiro contato com a escola Carlos Drummond de Andrade. As ações realizadas com os estudantes consistiram em rodas de conversa com jovens de 13 a 14 anos sobre temas como racismo, violência e resistência, relacionados, principalmente, com a população negra. Neste Projeto foi realizada a Oficina “Fala Favela, Fala” onde levamos o rapper Mano Zeu, da comunidade Iguaçuense, para debater as problemáticas levantadas e usamos como ferramenta principal as letras de rap. A partir dessa oficina veio à demanda por parte de algumas professoras da escola, para que o projeto pudesse se ampliar. Esta demanda possibilitou a realização do trabalho de campo na escola e que resultou na realização desta Monografia.

Esta monografia se divide em três capítulos: Capítulo 1 – intitulado “Da ponte para cá”, apresenta a Trajetória do Movimento hip-hop e a contextualização histórico-

social e a formação do Movimento hip hop em Foz do Iguaçu. O Capítulo 2 “Zumbi vive ainda, pois a luta não acabou” aborda a discussão sobre a formação da Diáspora Negra e o Movimento Negro no Brasil, discutindo a construção da identidade negra, o racismo e a educação das relações étnico-raciais. E, o Capítulo 3 “Rap-sando a educação” que aborda as ações pedagógicas tendo o rap como estratégia de abordagem para a inserção de conteúdos e debates referentes a Lei 10.639/03.

CAPÍTULO 1 – “Da ponte pra cá”

1.1. Trajetória do Movimento Hip-Hop

O movimento hip hop formado pelo o rap (música), break (dança) e o grafite / pixação (artes gráficas) ganha forma nos Estados Unidos na década de 1970 com a junção dos ritmos jamaicanos, do Soul e do Funk, e espalha-se pelo planeta na década de 1980 (Souza, 1998, p 47). Esse movimento nasce nesse contexto social e político carregado em suas raízes da luta dos afro-latino-americanos e caribenhos, com intensas batalhas por igualdade racial/social, destacando-se nessa resistência.

O Movimento possui como líderes inspiradores do movimento figuras como Martin Luther King e Malcom X. Martin Luther King, era pastor protestante, ativista político e formado em sociologia, tinha ideias pacifistas, e defendia a paz e o amor ao próximo, era contra qualquer tipo de violência, e buscava uma integração racial entre negros e brancos. Malcolm já era de classe econômica baixa, quando jovem se envolveu no crime e foi preso. Possuía um discurso mais radical que de Martin Luther King, defendendo o islamismo, o socialismo e a violência como método para autodefesa dos negros que sofriam segregação social.

Por conta da trajetória política, ambos foram assassinados violentamente. Além dessas duas grandes figuras vale ressaltar o Partido dos Panteras Negras criado em 1966 nos Estados Unidos, o qual realizava práticas mais diretas com as comunidades: oferecendo alimentação e buscando a conscientização das pessoas por meio de atividades filantrópicas e marcando o período de lutas e reivindicações de igualdade étnico-racial nos Estados Unidos. O Partido foi extinto no início dos anos 1980, em decorrência de conflitos com a polícia.

Nos anos de 1970, fruto dessas lutas e em meio à mesma segregação racial e a uma crise econômica que atingiu principalmente aqueles que viviam nas zonas mais pobres – historicamente, negros, latinos e caribenhos – nasce o Movimento hip hop no Bronx, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Neste momento o movimento passa a ser utilizado por muitos destes jovens como uma alternativa para esse contexto de desemprego e violência. A falta de políticas públicas e a carência de planejamento

urbano geram uma super lotação daquele espaço de periferia, em sua maioria composto por imigrantes, negros, latinos e caribenhos.

Com jovens entrando cada vez mais cedo em gangs e crimes, o rap, o grafite/pichação e o break tornam-se alternativas para expressarem suas indignações (Herschmann, 1997, p. 201) e mostrarem seus posicionamentos perante estas condições. Como exposto pela pesquisadora Andréia Moassab (2011, p. 50-51) “A criação do Movimento Hip Hop constitui uma resposta à violência urbana a qual as populações afrodescendentes e hispânicas foram submetidas com as transformações urbanas das cidades estadunidenses das décadas anteriores”.

Dois personagens foram peças chaves para que isso acontecesse: o primeiro foi o DJ Kool Herc, caribenho que imigrou para os EUA aos 12 anos, em 1967, tomou as ruas e festas em clubes com suas inovações musicais com influências jamaicanas. O segundo foi o líder de uma das principais gangues ("Black Spades") Afrika Bambaataa que também era DJ e já apostava em outra forma de disputa, mais positivada e pacífica, como a própria batalha de rimas entre dois jovens, o *freestyle*. Com uma aparelhagem de som própria, semelhante a que se usava na Jamaica, tocava ritmos jamaicanos que no início começou a mesclar com ritmos como o Soul e o Funk. Ao mesmo tempo outras pessoas como o próprio Kool Herc se aventuravam pegando o microfone, tanto para dar boas-vindas às pessoas quanto para fazer rimas, sendo denominados como Mestres de Cerimônias (MC`s). Foi Love Bug Starski quem teve a ideia de unir os elementos representados nas festas, agregando a eles o grafite como expressão plástica, pois era através das pichações e grafites que os jovens do bairro deixavam registradas suas palavras de protestos ou mesmo seus nomes.

O papel do Mestre de Cerimônia (MC) com o tempo começa a deixar de ser apenas o de saudar e animar as festas e as rimas e se tornam bem mais elaboradas e complexas. A união entre os elementos MC e DJ passa a formar a música da cultura: o RAP. Gradativamente, esse ritmo passa a tomar conta dos guetos, favelas e subúrbios de todos os cantos. Mesmo sendo a expressão que mais se expandiu, o RAP não representa sozinho a ideia de Movimento hip hop, ao contrário, é a união de todos os elementos que possibilita sua compreensão. Como enfatiza Nino Brown em entrevista a Revista Caros Amigos (2005, p.6) “Sem os outros elementos do Hip Hop, o rap se torna apenas um estilo de música, que pode estar na moda ou não. Perde a raiz, o compromisso de transformar a violência, o sofrimento, o que é negativo em positivo,

em construção”. Entretanto, antes de pesquisarmos o Movimento hip hop, temos que ver suas raízes musicais como o Soul e o Funk Norte Americano. Esses estilos musicais em suas bases levam a tradição musical africana (Dayrell, 2001 p.39).

O Soul nos anos de 1960 foi uma ferramenta importante para a conscientização e a aceitação da população negra (Pimentel, 1999 p.4), com a voz poderosa de James Brown, exaltando a beleza e o orgulho de ser negro, o Funk vem contra atacando esse ritmo que já havia sido acoplado mais tarde pela indústria fonográfica, com suas batidas fortes e agressivas aos ouvidos "brancos" (Dayrell, 2001, p.39). Como colocado por Hall (2006) a produção musical é uma produção cultural que nessa perspectiva acerca dos estilos musicais, assim como o Soul e o Funk se tornam uma ferramenta para demonstrar o posicionamento político daquela parcela da população subalternizada.

No Brasil o Movimento hip hop surgiu no início da década de 1980, (Pimentel, 1999, p.14) com a reunião de grupos contendo dançarinos, rimadores e grafiteiros/pichadores na estação de metrô São Bento em São Paulo, esse cenário serviu como um palco da resistência da cultura Hip Hop⁷.

O primeiro grupo de rap a se tornar popular dentro do movimento brasileiro foi o MC Thaíde e DJ Hum, na sequência e com grande visibilidade o grupo Racionais MC's, formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay.

Porém, desde os anos 1970, os DJ's já estavam na ativa, pois já haviam se espalhado pelo país os chamados Bailes Black, que através do *funk* juntavam “a presença do público predominantemente de jovens negros, dos morros, guetos e favelas” (MOTTA e BALBINO, 2006, p.16). Em 1980, o break começou a circular pelas ruas da cidade de São Paulo, o primeiro palco foi a rua 24 de maio onde se localiza até os dias de hoje a Galeria do Rock que era frequentada pelos jovens da época e por onde chegavam os primeiros discos tanto de funk e soul, como a posteriori de rap. Com as repressões sofridas tanto pela polícia quanto pelos lojistas da época o palco principal se muda para a estação São Bento do metro, e é nesse local que as improvisações feitas com rimas cantadas ao som de latinhas e tampas de lixo dão origem ao rap no país. Os encontros nas zonas centrais se davam pelo fato de ser mais

⁷ A bibliografia sobre o movimento hip-hop vem se difundindo consideravelmente nos últimos anos, especialmente a partir dos anos 2000, e sobre a história do surgimento deste movimento nos Estados Unidos há uma rica bibliografia. Para esta contextualização consultar autores(as) como Rose (1994) Arce (1995), Herschmann (1994), Souza (2011), Viana (1995), Dayrell (2005), Moassab (2011) entre outros.

fácil, pois perto do local onde concentravam havia uma estação de metro, a estação São Bento da linha “azulque” que faz conexão aos bairros periféricos, o que facilitava o encontro destes jovens. Deste espaço de encontro no contexto central da cidade, o Movimento hip hop se expandiu pelas periferias e para muitas outras cidades.

Nelson Triunfo, um dos primeiros *b.boys*⁸ brasileiros, destaca: “Nos Estados Unidos, o hip-hop surgiu dos filhos dos Black Panthers (Panteras Negras), junto com o pessoal da Jamaica. No Brasil, foi feito mesmo com o pessoal do gueto, da quebrada.” (TRIUNFO *apud* CAROS AMIGOS, 2005, p. 13). Como essa manifestação cultural transformou o cenário da identidade sociocultural dos jovens, fomentando shows e a valorização de símbolos históricos como cantores populares e instrumentos musicais, podemos usar como exemplo a mistura de ritmos dentro do rap, como o samba, o samba-rock e o próprio ritmo nordestino a embolada.

Na América Latina o rap entra como uma ferramenta de protesto, como colocado pela Souza (2009) o Movimento hip hop se transformou numa nação que utiliza o rap como seu hino, ao explicar essa colocação a autora nos fala das trocas de vivências nas letras do rap e de como essas situações são constantemente repetidas nas letras de rap de diversos países latino-americanos como Argentina, Colômbia, Chile, Uruguai, entre outros. Mais do que o contexto nacional, o Movimento hip hop coloca em debate os problemas comuns a jovens moradores de periferias, negros, indígenas e que fazem do movimento uma forma de expor suas manifestações e reivindicar seu direito de cidadania.

Como colocado por Castro (2008), Poch Plá (2011) e Estácio (2013), na América Latina o Movimento hip hop, tem seu nascimento na década de 1980 no processo de redemocratização, um período marcado por lutas dos movimentos sociais, por re-definições das questões culturais, sociais e políticas em diversos países da América Latina.

O autor Ronaldo Silva em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado, “Estéticas Afro-Latino-Americanas: O Movimento hip hop no contexto da política internacional” (2015) nos coloca que simultaneamente, a medida em que se ampliava o Movimento hip hop no Brasil e no Chile também se desenvolvia em outros países da América Latina (Argentina, Uruguai, Colômbia, Venezuela e na América Central). Em

⁸ B-boy ou B-girl é o nome dado a pessoa dedicada ao breakdance (dança) e que pratica o mesmo. Disponível em: <http://alemdos4elementos.blogspot.com.br/2010/03/mc-mestre-de-cerimonia.html>. Acesso em 25/06/2016

alguns casos como, por exemplo, o Movimento andino (Peru, Bolívia, Equador e Colômbia), ultrapassa as fronteiras territoriais, e incorpora linguagem e instrumentos próprios local-regional, ampliando os debates sobre problemas sociais comuns e transpondo fronteiras.

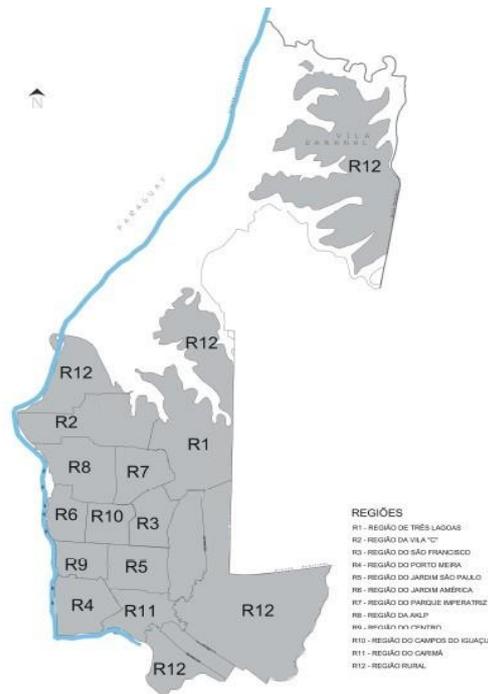
1.2 Contextualização do Movimento Hip Hop em Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu localiza-se na região de fronteira entre Argentina e Paraguai, possui uma população total de 256.088 habitantes, segundo censo do IBGE (2010). A cidade é constituída por 72 etnias, segundo o Observatório da Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai), entre elas estão os árabes, os turcos, os libaneses, os palestinos, os chineses, os japoneses, os portugueses, os espanhóis, os poloneses, os ucranianos, os alemães, os italianos, os afrodescendentes, os indígenas, etc. Entretanto será que todas elas estão sendo representadas na História da cidade de Foz do Iguaçu? O Movimento hip hop vem justamente trazendo esse outro lado da história da cidade, evidenciando essas etnias e essa diferença cultural.

A cidade é formada por 12 regiões com suas diferenças e especificidades, como podemos ver a seguir.

FIGURA 2 – Divisão regional da cidade 12 regiões⁹

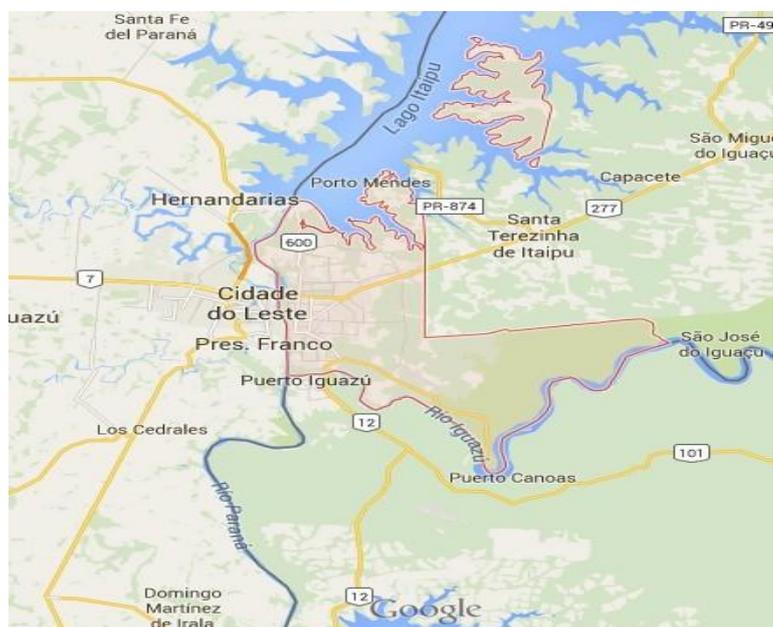
⁹ Disponível em: Plano Diretor de Foz do Iguaçu (2006)



A cidade possui grande número de trabalhadores em setores informais, principalmente, pelo fluxo de atividades comerciais – legais ou não – que se dão em Ciudad del Leste, no Paraguai. A fronteira é marcada pelo forte comércio que atrai turistas e revendedores. No entanto a cidade também desenvolve sua economia frente ao turismo, por exemplo com a criação de um grande complexo turístico na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina sendo as principais atrações turísticas ofertadas aos visitantes: o Parque Nacional do Iguazu - as Cataratas do Iguazu, o Macuco Safari, a Hidrelétrica de Itaipu - a Usina de Itaipu, o Marco das Três Fronteiras, a Ilha das Taquaras, o Complexo *Dreamland*, o Museu de cera, o Ecomuseu, o Refúgio Biológico, a Mesquita Sunita da Comunidade Muçulmana e o Templo Budista, além de variados passeios entre estas três cidades.

Esta é a apresentação de uma cidade turística que convida os visitantes a conhecê-la e que está representada nos variados materiais de divulgação, impressos e online que circulam por variados espaços. Com este cenário a cidade de Foz do Iguaçu e a região de fronteira, tornaram-se um importante destino turístico nacional e internacional.

FIGURA 3¹⁰ Localização da cidade



Entretanto, esse grande complexo turístico na tríplice fronteira, não é apresentado nas rimas musicais do rap dessa região. Nas narrativas do rap podemos encontrar outra forma de representar a mesma fronteira. Nestas músicas são narrados os altos índices de violência, problemas com os contrabandos, exploração do trabalho, racismo, imigrações geradas pelas explorações, forte pressão contra as populações indígenas, especialmente a Guarani.

Como argumentado pelos autores L. Nicolás Guigou e José E. Bassini (2011) a cidade é construída através de imaginários, ou seja, são construídos os diversos espaços em sua realidade fazendo surgir uma “cidade viva” e em constantes transformações. Essa outra cidade diferentemente apresentada nas grandes mídias, redefine esse imaginário da cidade, nas narrativas do Rap da fronteira, especificamente o de Foz do Iguaçu, é mostrado em sua grande maioria na realidade dessas 12 regiões, por exemplo, com a falta de direitos básicos e as reivindicações de políticas públicas.

Foz do Iguaçu desenvolve um circuito fixo e bem definido para os turistas, deixando invisibilizada justamente a cidade cantada nos versos de Rap. Deixando de lado o problema de falta de políticas públicas ou a densidade de áreas marginalizadas na

¹⁰

Disponível:

[https://www.google.com.br/maps/place/Foz+do+Igua%C3%A7u,+PR/data=!4m2!3m1!](https://www.google.com.br/maps/place/Foz+do+Igua%C3%A7u,+PR/data=!4m2!3m1!1s0x94f6983de5db79bb:0x920b68c585cac349sa=X&ei=LwSMVbSFJImuggT6m66gBw&ved=0CIoBEPiBMBA)

[1s0x94f6983de5db79bb:0x920b68c585cac349sa=X&ei=LwSMVbSFJImuggT6m66gBw&ved=0CIoBEPiBMBA](https://www.google.com.br/maps/place/Foz+do+Igua%C3%A7u,+PR/data=!4m2!3m1!1s0x94f6983de5db79bb:0x920b68c585cac349sa=X&ei=LwSMVbSFJImuggT6m66gBw&ved=0CIoBEPiBMBA). Acessado em 30/06/2016

beira do rio Paraná ocasionadas pelo “boom demográfico” na década de 1990 (Ribeiro, George. D 2008). O cenário dessa cidade construída por imaginários (Guigou, M., Bassini. J. 2011), como as imagens que são passadas pelas propagandas midiáticas, muitas vezes ocultam outras faces dessa cidade. É esta “outra” cidade, ou a cidade que não está presente nas representações turísticas, e mesmo para significativa parcela de moradores, que o Movimento hip hop expõe e canta em suas narrativas poéticas. São experiências e vivências que marcam a cidade e a fronteira e que emergem nos versos do Rap da Fronteira.

O rap chegou a Foz do Iguaçu, em meados da década de 1990, tendo como sua maior expressão o disco dos Racionais MC'S, “Sobrevivendo no inferno”, que foi um dos discos de maior impacto no rap, conseguindo chegar em quase todas as favelas do Brasil como aponta Mano Zeu, rapper de Foz do Iguaçu e um importante interlocutor . Nesse período surgiram grupos como “0.1”, "Mundo Iguaçu", "Enquadro Verbal" e "Aliados da Periferia” e o “Cartel do Rap” todos na cidade de Foz do Iguaçu.

Já por volta do ano 2000, o Movimento hip hop de Foz do Iguaçu começou a se articular com mais intensidade organizando shows e eventos diversos, dentre eles batalhas de *freestyle* e shows de grupos de São Paulo, como o SNJ. Realizaram o primeiro evento de Rap que teve como tema a guerra do Iraque, e o "Rap na quebrada" com objetivo de levar o Movimento hip hop para o maior número de bairros possíveis. Em quatro anos esses eventos foram reproduzidos 37 vezes, um grande avanço para o movimento independente. O grupo Cartel do Rap lançou o primeiro álbum, organizou uma rádio e seus integrantes realizam oficinas dos quatro elementos do hip hop. O Cartel também produzia fanzines, que serviu como uma forte ferramenta para o fortalecimento do Movimento hip hop da cidade.

Esses fanzines foram utilizados como uma das ferramentas de expressão sociocultural do Movimento hip hop local, com diversos conteúdos retratando a comunidade, como por exemplo: fatos, notícias, poemas, imagens, narrativas poéticas e acontecimentos com uma reflexão sócio-crítica e histórica da cidades.

FIGURA 4 – Fanzine A chave é a União (CARTEL DO RAP, 2009)¹¹



Em 2006, o mesmo grupo Cartel do Rap realizou no Colégio Estadual Monsenhor Guilherme, localizado na região central de Foz do Iguaçu, o "Encontro de Hip Hop" oferecendo oficinas para o público de estudantes da periferia da cidade, nesse evento o intuito era de levar e incentivar os mais jovens a militância dentro do Movimento hip hop.

Em entrevistas e conversas com rappers da cidade, é citado como uma das figuras mais expressivas no Movimento hip hop iguaçuense, bem como no debate e militância étnico-racial na cidade, o rapper Mano Zeu, morador do bairro Cidade Nova. Em sua letra "Fala Favela 2", ressalta o descaso governamental que só chega à periferia através da repressão:

O governo aqui esta ausente /
Só vem violar os nossos direitos/
Sempre na forma armada trazendo a violência para o povo preto/
O povo que mais trabalha produz a riqueza/
Mas sem desfrutá-la

¹¹ Disponível em: http://fanzinecarteldorap.blogspot.com.br/2009_12_01_archive.html. acessado em 30/06/2016

A população periférica de Foz do Iguaçu vive uma realidade não muito diferente da encontrada nas grandes cidades, ora fruto do mau planejamento e da segregação, ora intensificada pelo surgimento de Itaipu. Dessa maneira, Mano Zeu através do seu engajamento dentro da cidade vem desconstruindo em suas letras o imaginário social vendido pelo turismo. Ou seja, construindo outros diálogos e representações do contexto de fronteira, no qual se localiza a cidade de Foz do Iguaçu, e trazendo outras perspectivas e versões sobre esta região, a partir de suas práticas e experiência enquanto rapper.

1.3 O estudo daqui é o medo de lá¹².

Como colocado na letra de rap do grupo paulistano racionais MC's : *“Não adianta querer, tem que ser, tem que pá / O mundo é diferente da ponte pra cá”*. Partindo do imaginário social desconstruído nas letras de rap, podemos pegar a imagem da ponte, essa imagem que nos remete a ligação, entretanto ao mesmo tempo nos mostra uma divisão social bem marcada nas cidades, divisão essa que nas letras de rap é retratada e realçada.

Por isso que o Movimento hip hop é considerado visionário dentro do movimento negro, no qual vem atingindo uma grande difusão nacional, é um movimento popular que integra e expressa a linguagem da periferia, cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade (DOMINGUES, 2007).

Quando uso a imagem da ponte tento fazer uma referência também com a ponte que faço dentro da sala de aula, identificando as principais temáticas que estão nas narrativas poéticas do rap de Foz do Iguaçu, além de interligar a pedagogia adotada na escola com essas narrativas. A proposta é debater questões nas esferas sociais, econômicas e políticas da parcela negra no currículo básico das escolas públicas a partir destas narrativas musicais e realizar dinâmicas entre os conhecimentos dos participantes do Movimento hip hop e dos estudantes. Muitos raps vão se modificando

• ¹² Grupo de Rap Face da morte. “Bomba H”.

a partir do contexto em que são criados, viabilizando a atuação mais social e efetiva (práxis) na região e levando essa atuação para dentro da sala de aula.

O Movimento hip hop parte das especificidades culturais de cada espaço, ao mesmo tempo em que se conectam com um contexto mais amplo, entre periferias, favelas, cidades e países, a partir das temáticas que discutem politicamente, através de intervenções artístico-culturais, a condição de jovens, muitos dos quais negros moradores de periferia na reivindicação de cidadania (SOUZA, 2009).

Com o uso do rap como forma de ampliação do debate dentro da sala de aula, podemos identificar as principais temáticas nas narrativas poéticas do rap de Foz do Iguaçu e incentivar o debate crítico na sala de aula e perceber com pedagogias alternativas, que dialogam através do rap, conseguem atingir a aproximação entre esses jovens no conteúdo curricular, entre os quais estão as questões étnico-raciais, principalmente relacionadas à população negra, e que ainda hoje encontram-se ausentes de muitos dos conteúdos e currículos escolares.

CAPÍTULO 2 – “Zumbi vive ainda, pois a luta não acabou”

2.1) Sobre a Diáspora e o Movimento Negro no Brasil

A questão étnico-racial no Brasil ainda permanece como uma problemática atual que remonta a construção de um Estado-Nação criada pelo imaginário social do século XIX, que configurou no Brasil. A crença no “mito da democracia racial” teve grande adesão popular como ilustra Clóvis Moura (2011) num levantamento feito após o censo de 1980, assim como o ideal de branqueamento¹³. No entanto, essas teorias de cunho racial caracterizavam o mestiço como essencialmente fraco, pois trazia, na experiência da mestiçagem, os elementos biológicos de “raças” desiguais, conferindo-lhe uma “natureza” inferior expressa na apatia e nas debilidades morais e intelectuais. Nessa perspectiva, as políticas de imigração, além de seu significado econômico, apresentam-se como uma alternativa para o branqueamento da população, acelerando, portanto, o caminho até o ideal nacional. Hoje, essa rediscussão da mestiçagem, posta pelo antropólogo congolês Kabenguele Munanga (2009) se associa de certo modo a noção de identidade na diáspora.

Neste capítulo, analisaremos como o Movimento hip hop pode ser importante para a ampliação do debate étnico-racial na educação na cidade de Foz do Iguaçu, debatendo problemáticas como racismo dentro da sala de aula, racismo estrutural e sistemático, genocídio da população Negra, entre outros temas. Neste trabalho, o rap foi utilizado como ferramenta principal, especialmente as letras das músicas, para fomentar o debate entre os estudantes.

O autor Petrônio Domingues em seu artigo, intitulado, “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” (2007) nos coloca que desde o período republicano o movimento Negro desenvolve diversas estratégias de luta pela inclusão social do negro e superação do racismo na sociedade brasileira, desenvolvendo técnicas

¹³ Questionados os brasileiros não-brancos sobre a sua cor, eles se identificaram por um continuum de cores/origens, num total de cerca de 136 cores declaradas. A categoria “parda”, na qual se incluem todos os mestiços a partir do censo de 1980, teve, na realidade uma função do mesmo ideal do branqueamento, quando muitos mestiços claros são drenados na categoria censitária “branca”, como muitos negros claros são e podem ser considerados na categoria “parda”. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do IBGE, ano 1976.

para solucionar problemas sociais estruturais como a discriminação racial, a marginalização no mercado de trabalho, no meio educacional, social e cultural. Mesmo com a abolição da escravatura em 1888, o novo sistema político não proporcionava formas de inserção da população negra na sociedade brasileira, via-se nesse processo o descaso pela mão de obra daqueles trabalhadores, em que no processo de abolição foram expulsos das terras onde viveram sua vida e substituídos pelos novos colonos europeus.

Como apresenta Andrews (2007), os libertos começaram a criar movimentos de mobilização racial negra, com a criação e grêmios, clubes e associações como por exemplo: Em São Paulo o Clube 28 de Setembro (1897) e o Clube 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), entre outros em todo o território brasileiro. Outra plataforma de luta foi à elaboração de jornais como por exemplos: na região sul do país O Exemplo (1892) e o Clarim da Alvorada, (1924), entre outros, que retratavam a real situação dessa população ex-escravizada, denunciando o regime de “segregação racial”, onde a população negra não era aceita em certos espaços. Podemos pegar como definição de movimento negro a do pesquisador Joel Rufino dos Santos:

(...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro. (1994, p. 157).

O pesquisador coloca que o Movimento Negro, é constituído não somente por uma organização de discussão política ou social, entretanto o Movimento Negro é constituído por variações de grupos sejam eles sociais, políticos, de expressões culturais, todo aquele que vê em suas ações uma manifestação contra as discriminação sofrida por um sistema racista e colonial.

A partir em 1930 surgiram alguns movimentos que foram essenciais para a luta étnico-racial brasileira, para introduzir o debate sobre classe e gênero, e para a

superação do racismo, tais como: a Frente Nacional Brasileira (FNB)¹⁴, criada em 1930, posteriormente a fundação da União dos Homens de Cor (UHC)¹⁵, em 1943 e fechando esse ciclo o surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN)¹⁶, fundado no Rio de Janeiro, em 1944, e que tinha Abdias do Nascimento como sua principal liderança.

Com a instauração do golpe militar de 1964, ocorreu o enfraquecimento de muitos movimentos sociais no país e não foi diferente com o Movimento Negro que sofreu um golpe duplo, que segundo Lelia Gonzalez (1982), era tanto por parte da repressão militar, como também por parte dos próprios militantes de esquerda que acusavam o movimento negro de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil.

Petrônio Domingues, relata que somente em 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), tem-se a volta à cena política do país do movimento negro organizado. O MNU tinha como principais bandeiras de luta e reivindicação: a organização política da população negra, a luta contra o racismo, enfrentamento contra a violência policial e a introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares. Já nesse momento histórico podemos perceber que a luta pela a introdução da educação étnico-racial nos currículos básicos escolares é levada como prioridade pelos movimentos negros, prevendo a revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos e o desenvolvimento de uma pedagogia inter-racial e a capacitação dos professores.

¹⁴ Frente Nacional Brasileira (FNB), criada em 1930 - Em 16 de setembro nascia em São Paulo uma das maiores entidades negras do século XX: a Frente Negra Brasileira. Vinha na esteira de diversas entidades que se formaram no início do século passado. Sua missão era a de integrar o povo afro-descendente à sociedade. Autodenominada “órgão político e social da raça”, a Frente atingiu dimensões inusitadas, chegando, inclusive, a tornar-se partido político. Se pensarmos na situação social da época, em que o desemprego entre os homens era alto (as mulheres negras eram o pilar das famílias, pois o emprego de doméstica lhes dava algum salário), em que as condições de educação eram precárias, a Frente realizou feitos espantosos. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=2913&lang=en>.

¹⁵ União dos Homens de Cor (UHC), em 1943 - João Cabral Alves fundou a União dos Homens de Cor, uma organização destinada á ações contra o preconceito de cor e pela elevação moral e cultural do negro, por via, principalmente, da assistência social. Essa rede foi fundada em Porto Alegre.

Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/biografias/joao_cabral_alves.html

¹⁶ Teatro Experimental do Negro (TEN), O **Teatro Experimental do Negro (TEN)** surgiu em 1944, no Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias Nascimento (1914-2011), com a proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramático, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países.

Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=40416>.

Ao evidenciarmos a construção do imaginário da nação e das identidades brasileiras que surgem na diáspora, torna-se necessário definir este conceito, que é proposto pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003) da seguinte forma:

não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.” (p.75)

Para o autor, a cultura é uma criação de ensinamentos e difusão de tradições, pois está em constante modificação. Fazendo a transformação e a produção do sujeito social, através da cultura que pelo descentramento cultural faz surgir lutas sociais e minorias étnicas as quais por uma perspectiva diaspórica subverte o modelo que orientou a construção do imaginário do Estado-Nação. As identidades formadas no interior deste estado-nação trazem traços dessa diáspora. Assim como Stuart Hall entende que o rastafari surge para problematizar e fazer emergir os problemas sociais dos migrantes caribenhos, o Movimento hip hop opera da mesma forma no Continente Americano. Com traços culturais e históricos de contestação inspiradas por aspectos culturais regionais.

2.2) Construção da Identidade Negra e Racismo

Kabengele Munanga (2008) nos coloca a importância da recuperação ou aprendizagem da história individual e coletiva que faz com que o indivíduo se sinta pertencente a uma/sua sociedade e de como as políticas públicas de inclusão são importantes para a desconstrução histórico-social dentro das redes de ensino, mostrando as lutas e conquistas destas populações na estruturação dessa nação. Para o autor a diversidade está presente na macro e micro esfera, pois em relação a esta desconstrução histórico-social temos o Brasil como exemplo propulsor no debate sobre as identidades. Aqui, europeus, indígenas, africanos cada um com suas diversas origens étnicas, onde todos deram suas contribuições não só econômicas e estruturais, mas culturais e histórico sociais. Contribuindo para a identidade plural do povo brasileiro. Entretanto será que todas essas culturas são valorizadas e demonstradas suas reais contribuições para a pluralidade do estado brasileiro? O reconhecimento oficial da pluralidade, ainda

está sendo tratado com desigualdade em todas as esferas nacionais. Trataremos nesse trabalho mais especificamente no sistema educacional.

Falamos de um branqueamento das memórias históricas (Clovis, 2013, p.01), ou de “territórios não brancos” que são invisibilizados e reconstruídos sob uma projeção eurocêntrica, estudados no que o geógrafo Milton Santos (2009) denominou “branqueamento do território”, conceito que indica três dimensões, “(...) (i) branqueamento da ocupação do território; (ii) branqueamento cultural do território; e (iii) branqueamento da imagem do território.” (SANTOS,2009, pág.60). Esta estratégia vai muito além do branqueamento da cor da população, mostrando que ao branquear o território, produzimos uma nova história, apagando experiências sociais, e (re) criando identidades, que posicionam o branco-europeu sempre no centro. Lembrando que ao falarmos de território estamos falando de uma criação que “(...) traz dentro de si os processos e sujeitos que protagonizaram sua instituição.” (HAESBAERT & PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 13-14) O branqueamento do território vai ocultar esses processos e sujeitos, quando esses não forem brancos. (Clovis, 2013, p.01)

A antropóloga Rita Segato (2005) nos fala das formas em que o racismo é muitas vezes institucionalizado e como ele é vivenciado pela parcela negra da população, um racismo prático:

automático, irrefletido, naturalizado, culturalmente estabelecido e que não chega a ser reconhecido ou explicitado como atribuição de valor ou ideologia. Opõe-se aos racismos fundamentados numa consciência discursiva. O professor de escola que simplesmente não acredita que o aluno negro possa ser inteligente, que não o ouve quando fala nem o percebe na sala de aula. O porteiro do edifício de classe média que não pode conceber que um dos proprietários seja negro. A família que aposta sem duvidar nas virtudes do seu membro de pele mais clara. Esse tipo de atitude aparentemente irrefletida é a que resulta na reprodução do processo contínuo de exclusão de grande porte que chamamos de “racismo estrutural” e “racismo institucional”, e que resiste à identificação de uma autoria ou à alocação de responsabilidade. Um racismo axiológico: se expressa através de um conjunto de valores e crenças que atribui predicados negativos ou positivos em função da cor da pessoa. O professor universitário que, em aula, proclama que 'todos nós sabemos que os negros são inferiores intelectualmente ao branco, mas isso não é razão para que

os tratemos mal' – exemplo que tomei do relato de um estudante do curso de Letras desta universidade. Um racismo emotivo: expressa-se manifestando rancor, ressentimento ou medo em relação a pessoas de outra raça. Alguém que, em um elevador, assusta-se por estar em companhia de uma pessoa negra, ou que adverte os filhos de que não façam amizade com colegas dessa cor. Um racismo político e, em alguns países, até partidário: grupos políticos que advogam o antagonismo aberto contra setores da população racialmente marcados. O Partido Nacional Australiano ou a Ku Klux Klan norte-americana são exemplos. Esta última variante é praticamente desconhecida no Brasil, à exceção de pequenos grupos neonazistas existentes em alguns centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (SEGATO, 1999 p.79)

Esse concepção racista vem atrelada ao primórdio do capitalismo mercantilista, a autora Rosália Diogo (2014), aborda a Europa na época das grandes navegações. Anteriormente os fundamentos racistas eram baseados em crenças populares e religiosas sem o respaldo de teorias científicas, posteriormente veio a interferência e respaldo das ciências biológicas, antropológicas e linguistas. O contato dos povos europeus em decorrência da expansão colonialista com povos de diferentes características biológicas e tecnológicas levou a esse parecer errôneo de superioridade europeia.

O preconceito e a discriminação racial são alimentados não somente pelo desconhecimento ou pela geração de estereótipos, o racismo é gerado para fins políticos, econômicos e hegemônicos. O racismo absorve peculiaridades de cada estrutura, sofrendo mudanças e renovações de acordo com a demanda do sistema econômico, social e político; exemplos: teoria da mestiçagem nos países Latino Americanos, separação racial nos Estados Unidos ou até mesmo o *Apartheid*.

Para Stuart Hall, [...] raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL' 1999' p. 63)

Como colocado por Hall os seres humanos não nascem racistas, vão sendo construídos através de imaginários sociais que são formados de acordo a interesses políticos. Colocado por Paulo de Carvalho (2014) as lógicas combinadas para que essa mentalidade racista aconteça são: interação social, disputa de recursos de poder e educação e com esses fenômenos nasce e se consolida a disputa e repulsa pelo outro.

Para elucidar essa ideia racista, principalmente, no contexto brasileiro, temos que abarcar a escravização e os fantasmas que este período deixou na construção do estado nação. O termo "fantasma" é colocado como metáfora dos fenômenos sociais de exclusão de populações em função de suas características: da sua cor de sua pele, da sua identificação racial ou étnica. O racismo está enraizado nas sociedades ocidentais, e a ideologia racista se liga diretamente a questões de ordem prática. Para Munanga (2004, p. 6), o tráfico negreiro foi uma das maiores desumanidades históricas, pois ele não só transformava os escravizados em mercadoria, mas também arrancava deste povo sua identidade e história.

2.3) As relações étnico-raciais, a educação e o rap como proposta

Passando a intensificar a luta após a escravização, o movimento negro persistiu nas bandeiras de luta e reivindicação e um dos intuitos foi o resgate da cultura e história Africana. Essa perseverança levou em 2003 a conquista da produção de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que resultou no sancionamento da lei 10.639/03.

A lei viabilizou o conhecimento da história que durante cinco séculos foi invisibilizada pelo sistema colonial e escravagista. Segundo Lúcia Regina Pereira (2013) essa lei propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo: os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Com esta Lei foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares lutando contra o sistema escravocrata e colonial. Cinco anos depois e

seguindo na mesma direção, a Lei 11.645/08 estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino público e privado obrigatoriamente a temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

Essas leis foram criadas pela insistente reivindicação do movimento Negro, atentando para a necessidade do ensino da cultura e história Africana e Afro Brasileira estar presente no currículo escolar de crianças e jovens. E dentro da sala de aula, é o lugar mais apropriado para isso, pois o racismo está presente em toda a sociedade, e para combatê-lo, a transmissão de conhecimento tem que ser ampla, para todas as camadas: étnico-raciais, classes e gênero.

Torna-se necessário e importante enfatizar que antes da chegada dos colonizadores havia uma estrutura política e social em todo o continente africano. Apresentar e analisar a importância dos grandes impérios africanos como o reino de Daomi, e enfatizar a existência de grandiosas civilizações antes da chegada dos colonizadores. Que em alguns países como o Benin, a tradição e a modernidade andam conjuntamente.

As leis permitem criar formas para desconstruir dentro da sala de aula, essa construção dominante, na qual a população escravizada, era considerada submissa e fácil de controlar. Como coloca o escritor paulistano da literatura periférica, Toni C (2014), cansamos em ver que a única representação do povo negro nos livros didáticos, são nos pelourinhos, em que são maltratados ou subjugados. Nesse questionamento podemos perceber a importância de colocarmos nossas lutas e como resistimos politicamente e culturalmente para defendermos nossa liberdade.

Neste sentido, torna-se importante o resgate de nossos movimentos de luta e contestação, onde a liberdade contra a escravização foi conquistada, muito além do que nos contam sobre o 13 de maio de 1888. Contar e analisar a construção do embranquecimento histórico nos museus, nos livros didáticos na história oficial é determinante para a mudança de paradigmas. Apresentar movimentos negros revolucionários importantes, que são subtraídos de nossa história como, o Quilombo Ambrósio, Revolta dos Malê (1835), Revolta dos Alfaiates na Bahia (1798), Revolta da Vacina com ampla participação da população Negra (início do século XX), Quilombo dos Palmares, Quilombo do Quariterê, Revolta da Chibata comandada pelo Marinheiro Negro João Candido (1910) entre outros, mostram as formas de resistência que existem durante todo o processo de escravização. Estas práticas de resistência permanecem ganham novas formas após o processo de abolição, demonstrando a necessidade da

continuidade da luta pela cidadania, como o próprio Movimento hip hop nos mostra a partir de suas elaborações artísticas e políticas.

A marginalização sofrida pelos ritmos e costumes dessa diáspora e a resposta sofrida por essa nova população trazida para os meios urbanos latino-americanos e caribenhos, transformou ruas em teatros, as paredes e trens em quadros de pinturas e depois se difundiu na década de 1980 para outras cidades, como coloca (HERSCHMANN, 1997). O Hip-Hop se configura como grande ferramenta do povo negro a partir dos anos 1990.

Na América Latina e Caribenha, o hip-hop representa o grito de uma geração inteira que cansada e revoltada com as mazelas sociais, vítimas de uma política econômica que privilegia apenas as elites, se expressa através da arte, em uma cultura própria. A conscientização dos jovens negros proporcionadas pelo compromisso desses com essa cultura faz com que haja reflexão sobre suas trajetórias e de seus antepassados que foram escravizados. Escravidão essa, que como vimos, mudou sua forma, mas não deixou de existir. Pautando a vida na periferia dentro do contexto em que estão os adeptos ao hip-hop, redefinem não só a consciência individual, como a consciência coletiva, resgatando a história e referenciando a negritude, nos termos defendidos por Munanga (2012, p. 20) de “afirmação e construção de solidariedade entre as vítimas”.

Munanga (2008) nos coloca a importância da recuperação ou aprendizagem da história individual e coletiva que faz com que o indivíduo se sinta pertencente a uma / sua sociedade e de que como as políticas públicas de inclusão são importantes para a desconstrução histórico-social dentro das redes de ensino, mostrando as lutas e conquistas desta parte da população na estruturação dessa nação.

Com o uso do Rap como forma de ampliação do debate étnico-racial dentro da sala de aula, podemos identificar as principais temáticas nas narrativas poéticas do rap de Foz do Iguaçu e incentivar o debate crítico na sala de aula. Para Hall (2008) o Hip Hop também pode ser analisado como cultura a partir das representações simbólicas atribuídas a esta criação e sua representatividade na diáspora. Ele surge como representação da consciência revolucionária que deseja transformar a sociedade a qual está inserida. A utilização do Rap em sala de aula para discussão e debate de problemas tão recorrentes em nossas sociedades foi um meio funcional, pois com o espaço da cultura os jovens podem com mais simplicidade demarcar sua identidade, afastando-se dos padrões previamente concebidos.

O Rap aparece como uma possibilidade de construção da educação multicultural por abranger não apenas as populações afro-descendentes brasileiras, mas por também estar intrinsecamente ligada a outros grupos étnico-raciais através de suas letras que denunciam as desigualdades sofridas por outros grupos também marginalizados, mostrando assim que através do conhecimento é possível conviver e respeitar as diferenças. Trabalhar com o RAP na educação sugere um convite à possibilidade de identificação dos sujeitos através das letras cantadas, dos temas abordados, da pluralidade envolvida em torno das discussões.

Capítulo 3 – “Rap-sando a educação”¹⁷

Este capítulo tem por objetivo principal apresentar os resultados da pesquisa realizada entre os estudantes de 7^a e 8^a séries do Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade localizado no bairro Morumbi – zona oeste de Foz do Iguaçu. Este trabalho de campo foi realizado entre os meses de agosto e outubro - com maior intensidade - as visitas ao Colégio continuaram até o mês de dezembro. Ressalto ainda que em novembro, no mês da Consciência Negra, foram realizadas atividades diversas relativas à temática no Colégio.

Os encontros se realizaram em sala de aula nos horários de quatro docentes do colégio que ministram as disciplinas de português, matemática, história e inglês. Ao todo foram quatro turmas que reuniram em torno de 160 estudantes entre 12 e 15 anos.

Os encontros ocorreram no formato de roda de conversa. Estas foram utilizadas com o objetivo de propiciar em primeiro lugar o debate e o processo de diálogo, com isso cada indivíduo que está envolvido na roda de conversa tem como apresentar e elaborar suas falas e estimular o outro a falar. Importante ressaltar que cada sujeito está nesses espaços com suas vivências e bagagens históricas, como colocado pelo pedagogo Paulo Freire (1967), o processo de aprendizagem é construído conjuntamente não existindo o pensar mas o pensamos. Essas rodas de conversa abordavam temáticas como: o processo histórico da escravidão, as diferentes formas de racismo, violências, preconceitos, estereótipos, o papel da mulher negra na sociedade, religiões de matriz africana e ritmos afro-brasileiros.

As rodas de conversa foram utilizadas para facilitar a interlocução e possibilitar que estes estudantes pudessem trazer seus posicionamentos e opiniões sobre as temáticas trabalhadas. Para auxiliar esse diálogo foram utilizados: o poema “Magia Negra” do poeta Sergio Vaz, a música “Mulheres Negras” da rapper paulistana Yzalú, o rap “Homem de Aço” do grupo de São Paulo da Zona Leste DMN, o rap “Fala, favela fala” do rapper iguaçuense Mano Zeu, o funk “Eu só quero ser feliz”, o rap “Pacto com o diabo” do grupo paulistano Facção Central, o vídeo “Afirmação da

¹⁷

MC’s Chullage. Rapensar (Passado, Presente e Futuro), c 2004. 1 CD.

identidade Negra” nos versos do Hip Hop e a reportagem: “Consciência da população negra”.

Este material foi selecionado por relacionar-se a temática do Movimento hip hop, especialmente por ser produzido, elaborado, criado por integrantes do Movimento ou por pessoas a ele relacionados, como é o caso de todos acima citados. Neste sentido, torna-se importante retomar autores e autoras que estabeleceram uma relação mais direta entre Movimento hip hop e a educação, como Andrade (1999), Dayrell (2002), e Rosa (2013) que utiliza-se das práticas e metodologias alternativas na atuação e prática pedagógica.

Todo este material foi apresentando aos estudantes no formato audiovisual sendo auxiliado pelas letras de músicas ou poemas. Nos vídeos e músicas haviam legendas ou os estudantes recebiam as letras impressas. Desta maneira, procurou-se com esta abordagem aprofundar as discussões e permitir com que os estudantes pudessem trazer relatos, experiências, vivências para compartilhar em sala de aula, sempre tendo uma temática como norteadora da discussão. Com esta abordagem o trabalho etnográfico foi sendo elaborado e do qual fizeram parte os estudantes, as docentes, a direção e a equipe pedagógica do Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade, além das várias contribuições de colegas da Universidade, e outros da comunidade que se juntaram neste trabalho, entre eles estão: o Afoxé Ogún Funmilayo, o b-boy Guilherme e o rapper Mano Zeu.

O trabalho de campo foi fundamentado na pesquisa-ação que segundo Maria Amélia Santoro Franco (2005), propõe que a pesquisa e a ação devem estar unidas para transformar o meio social de modo que os participantes estejam comprometidos no processo. A autora afirma que essa metodologia é uma ferramenta de construção e de elaboração coletiva de conhecimentos e práticas com o envolvimento dos sujeitos na formação do processo, de forma autônoma e através de trocas de saberes. Objetivando a emancipação do sujeito e o compromisso social com o grupo que está participando e com a comunidade ao seu redor, “assim, a abordagem crítica da pesquisa-ação compromete-se tanto com a produção de conhecimento sobre a realidade social, quanto com a sua transformação em um sentido emancipatório” (FRANCO. 2012, p.3).

A motivação que me levaram a escolher como metodologia a pesquisa-ação no colégio foram minhas próprias vivências como estudante de escola pública e minha anterior proximidade com o Movimento hip hop de Osasco, cidade periférica na zona Oeste (ZO) localizada no estado de São Paulo, onde eu nasci e vivi durante 18 anos da

minha vida. Na escola onde estudei era comum tocar rap na hora do intervalo entre as aulas, ou até mesmo na hora da saída, nas batalhas de freestyle¹⁸ na porta do colégio. Também fora do meio escolar, no próprio bairro numa tarde de domingo ou na calada da noite, que podíamos escutar os sons dos carros rebaixados, tocando rap no último volume. O município de Osasco foi berço de muitos grupos de rap de São Paulo¹⁹.

Na Universidade atuei como bolsista de iniciação científica, abordando o Movimento hip hop de Foz do Iguaçu, e nas Ações de Extensão realizadas com os colégios públicos sobre a implementação da lei 10.639/03. Por estes motivos, foi possível realizar este trabalho de pesquisa aqui apresentado.

Outro fator a ser ressaltado vem do próprio bairro onde o colégio se localiza, no Morumbi, na zona periférica da cidade de Foz do Iguaçu. Quando realizei juntamente com outros companheiros de antropologia, o projeto de extensão intitulado “Coletivo Mojubá”, uma demanda foi criada a partir do próprio colégio, no sentido de continuidade dos trabalhos. Na finalização desse projeto houve um interesse por um dos professores de continuar a oficina de Rap. No início esse interesse era mais voltado para o ensino médio, depois com o tempo, e com a orientação da equipe pedagógica e do diretor do colégio, acordamos que seria mais interessante realizar o trabalho com as sétima e oitava séries. Segundo fala do diretor:

Diretor - “... pois está cada vez mais difícil em sala de aula.

Janaina - Que série eu deveria trabalhar?

Diretor - A oitava serie (agora com a nova reforma seria o 9º ano). Pois ficam numa “área de transição” e que o pessoal do terceiro temos que nos focar mais no vestibular e alguns trabalham e já chegam cansados” (Diário de Campo, 2015)

O planejamento da pesquisa iniciou-se no primeiro semestre de 2015, porém, em decorrência da greve dos professores no estado do Paraná que ocorreu no mesmo ano, as aulas foram suspensas, por isso a pesquisa se iniciou no mês de agosto. A movimentação política na cidade de Foz do Iguaçu durante a greve se concentrou num

¹⁸ Freestyle - é um gênero que faz parte da arte de fazer rap, sua principal característica são letras improvisadas do *rapper*, expressando o que sente sobre determinado assunto. As "batalhas de [MCs](#)" são uma das principais atrações do gênero. Dois rappers fazem freestyle, geralmente atacando um ao outro, e o público decide o vencedor.

¹⁹ Grupos de rap em Osasco: RZO, Conexão DBS e Sabotagem

acampamento no colégio público central, Bartolomeu Mitre, além de outras ações que mobilizaram os/as professores/as durante todo o período da greve.

Mesmo após o início do segundo semestre e com um calendário de reposição de aulas, o Colégio, através da direção, professoras e equipe pedagógica, possibilitou e colaborou para a realização desta pesquisa. E com essa cooperação e participação conseguimos problematizar a relação desses jovens com o debate étnico-racial e a construção das identidades negras. É neste contexto de construção da pesquisa que passa a ser apresentado o relato etnográfico realizado no Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade.

3.1. Ação com o Rap na pedagogia

O debate étnico-racial constantemente estava presente nas discussões entre os estudantes, como exemplo um grupo que na primeira roda de conversa percebeu que eu tinha *dread*²⁰s no meu cabelo, se acercaram e perguntaram o que significa os *dreads*? Tem alguma relação com a cultura Africana? O que é a religião Rastafári e como o Bob Marley se encaixa em todos esses costumes? Tentamos solucionar essas curiosidades com um diálogo comum, perguntando se alguém sabia responder. Logo um dos jovens respondeu que o rastafári é uma religião que vinha do país Africano, a Etiópia, essa religião pregava a paz e que os *dread* ficaram conhecidos mundialmente com o Bob Marley que seguia essa religião.

Quando apresentei o poema “Magia Negra” do Sérgio Vaz, que será apresentado na sequência, muitas perguntas surgiram sobre religiões de matriz africana e um jovem nos contou que ele e a sua mãe eram “espírita”. Nessa atividade específica esse jovem me ajudou explicar um pouco sobre os orixás. Muitas dúvidas e curiosidades afirmavam a necessidade de discutir estes assuntos naquele espaço.

Quando questionados sobre suas identidades, ou melhor, sua autodeclaração, grande maioria se auto-declarava moreno, explicavam que a mãe é branca e o pai negro ou vice - versa. Nestes momentos, emergiam questionamentos que estes estudantes ainda não tinham se colocado, como por exemplo, as dúvidas que esta condição impõe quando eles necessitam se autodeclarar. Porém estes questionamentos passam por

²⁰ *Dread* é uma palavra em inglês que em muitos casos é usada como abreviatura de *dreadlocks*, que descreve um **estilo de cabelo** caracterizado pela apresentação de tranças longas e finas. Disponível em : <http://www.significados.com.br/dread/>. Acessado em : 01/07/2016

outros espaços e torna-se presente na fala de um professor que diz que no colégio não há estudantes negros. O que passa a ser questionado quando entra-se em sala de aula e constata-se uma grande quantidade de estudantes negros. Estes exemplos ampliam a necessidade de debate e discussão sobre a questão em todas as esferas da educação, nos colocando a necessidade de repensar posições e definições.

Importante ressaltar o espaço de onde falamos, numa tríplice fronteira entre Brasil-Paraguai-Argentina, onde muitos estudantes são filhos de pais paraguaios. Uma estudante nos relatou que sofria preconceito por parte dos outros estudantes por falar guarani e por ser paraguaia. Eles a chamavam de comedora de mandioca ou “Xiru”²¹. Com esse tipo de fala dentro da sala podemos perceber uma conotação xenofóbica no espaço geopolítico de fronteira, onde alguns enxergam os vizinhos estrangeiros as vezes como “ameaça”, e que podem tirar seus empregos e moradias, mas esses mesmos estrangeiros são aqueles trabalhadores que fazem serviços como empregadas domésticas ou como ajudantes de construção civil. Muitas vezes ganhando salários injustos e constantemente sendo explorados.

A utilização do Rap foi justamente para desenvolver uma prática pedagógica que valorizasse a cultura, a sabedoria e os conhecimentos de cada jovem nesse processo de aprendizagem coletiva. Falo de uma troca de saberes como aponta o escritor e capoeirista Allan da Rosa (2013) quando resalta a relevância de um “movimento social educativo”, baseado nas “nossas memórias, tradições e desejos” que faça a junção entre os conhecimentos concebidos de nossas ancestralidades e vivências para uma transformação social e política no processo pedagógico. O autor resalta a importância da história oral nessa construção da identidade negra e coloca que nas tradições de matriz africanas a construção do saber está explicitamente ligada a tradição oral, aos mitos de origem, onde sempre trazem um saber: “compreensão de esfera de desenvolvimento individual e coletiva”.

Sendo assim, entendo a utilização do Rap como um fruto da diáspora africana e que resgata em sua raiz essa essência do trazer o saber em versos e prosas. Neste sentido, esta pesquisa permitiu explorar a relação desses jovens com suas múltiplas

²¹ XIRU - forma pejorativa que os brasileiros que moram na fronteira, chamam os paraguaios. Segundo o dicionário online Xiru significa : “Xiru é um termo regionalista gaúcho, que surgiu do vocabulário criado com a miscigenação, entre os índios tupi-guarani, e os portugueses que aqui chegaram colonizando o Brasil.” Disponível em: <http://www.significados.com.br/?s=xiru+>. Acessado: 01/07/2016

identidades raciais e a ação de realizar, além de possibilitar a criação do processo de práticas pedagógicas que debata as histórias das populações negras no Brasil.

Por intermédio da mediação se torna indispensável a contextualização da educação como “prática da liberdade” colocado por Paulo Freire (1967) que considera a análise socio-identitária do grupo como forma essencial no processo de aprendizagem, que objetiva a educação como uma forma de humanização, que faz desse educando autônomo, como um sujeito social, que é capaz de transformar a realidade ao seu redor.

Como apontado por Juarez Dayrell (2002) a utilização do Rap em sala de aula para discussão e debate de problemas decorrentes em nossas sociedades facilita, pois com o espaço da cultura os jovens podem com mais simplicidade demarcar sua identidade, afastando-se dos padrões pregados em sala de aula. Como podemos observar na periferia, o protagonismo dos espaços culturais são dos jovens, facilitando as trocas de saberes e experiências, com uma linguagem mais próxima das práticas vivenciadas nas comunidades.

Neste sentido e seguindo as proposições de Rosa (2013) e Dayrell (2002) esta pesquisa, na interlocução com estes jovens, busca atuar através das troca de saberes, e experiências, pois cada jovem vem com a bagagem cultural de suas casas e famílias, com suas religiões e crenças, classes sociais, raças e gênero. Somando-se a tudo isso o fato de estamos falando de uma cidade de fronteira onde o fluxo de pessoas é denso, bem como a própria questão do idioma, contexto que refere-se de forma direta no espaço escolar. E com essas varias perspectivas de experiência em sala de aula tentamos buscar formas para debater questões tão próximas a eles.

3.2. Rap-sando a educação – prática

O trabalho com os estudantes em sala de aula foi dividido por série e faixa etária, o grupo variava entre jovens de 13 a 15 anos e as rodas de conversa aconteceram todas as terças no período da tarde. As rodas de conversas aconteceram no laboratório de informática, facilitando as disposições das cadeiras. Logo na primeira atividade propus que nos organizássemos em roda para podermos olhar um para o outro, para facilitar o debate e para tentar mudar de certa forma a hierarquia da sala de aula. Os estudantes aceitaram a sugestão e me ajudaram a arrumar a sala. Nas atividades seguintes os estudantes já iam se acomodando em roda um ao lado do outro.

Nas terças-feiras eu trabalhava com todas as turmas de acordo com o sistema programático da equipe pedagógica. As professoras (em todas as turmas, todas as pessoas que cederam a aula, foram professoras) sempre estavam presente na sala de aula e me ajudavam no processo de organização do trabalho com os estudantes. Nossas rodas de conversa só foram possíveis porque as professoras da sétima e oitava séries cederam gentilmente suas aulas e contribuíram com esta construção.

1º Roda de Conversa - Rap é compromisso / Não é viagem - Sabotagem.²²

Em nossa primeira roda de conversa fizemos uma apresentação do surgimento do Movimento hip hop e como aconteceu a disseminação desse movimento internacional, nacional e localmente. Como o Movimento hip hop surgiu como uma ferramenta de reivindicações de políticas públicas feito por jovens iguais a eles nos Estados Unidos. Onde através de expressões artísticas esses jovens transformaram as paredes em tela de artes e as ruas em palcos de teatro. (Herschmann, Micael, p. 196, 1997).

Apresentando um panorama geral sobre o Movimento hip hop, seu surgimento, bandeiras de lutas e os motivos que levaram à consolidação desse movimento como o hino (SOUZA, 2009) de uma grande nação. Utilizamos o vídeo: “Afirmção da identidade negra nos versos do Hip Hip²³” onde os 3 elementos foram apresentados através da dança com os b.boys e b.girls, das artes plásticas com os grafiteiros e pixadores. No decorrer da atividade abordamos a importância das bagagens pessoais e do cotidiano, dos sujeitos que realizam e produzem o Movimento hip hop, que tecem uma ligação direta de suas realidades com o público que os assistem e com isso podem transmitir as dificuldades e as alegrias de viver em uma comunidade periférica para o exterior.

Quando terminamos de passar o vídeo, começamos a debater. Os jovens foram bastante participativos e interessados, fizemos trocas de experiências e situações sobre racismo e violências já vivenciadas, ambas as partes se escutaram, promovendo um processo de aprendizagem coletiva. Respeitando a bagagem pessoal de cada um

²² MC's Sabotage. Rap é Compromisso, c 2001.

²³ Este vídeo foi produzido por Andressa Back, onde contava a trajetória do Movimento hip hop em Foz do Iguaçu, Ciudad Del Leste (PY) e Puerto Yguassu (AR).

daqueles jovens, como colocado por Paulo Freire (1967), suas experiências, que devem ser respeitadas no processo de aprendizagem, para uma criação de uma pedagogia crítica e autônoma.

Ao final das atividades propus que se algum deles tivesse algum material que pudesse contribuir para a construção do debate poderiam trazer ou me passar o nome para que eu pudesse buscar e levar na próxima atividade. Buscando desenvolver desta maneira um espaço de socialização de conhecimentos. No final dessa atividade duas jovens com a ajuda da professora escreveram uma frase de reflexão: “Enquanto prevalecer a ignorância, a desinformação, haverá sofrimento”. Com essa frase podemos perceber que os jovens analisam e refletem sobre a importância de conhecermos nossas histórias, raízes e ancestralidade para nos desenvolver como seres em plena transformação.

2º Roda de Conversa – “Magia Negra”

Em nossa segunda atividade apresentamos um vídeo com a poesia “Magia Negra” do poeta paulista Sérgio Vaz (2012) interpretada pela atriz Raíssa Gomes. Antes de passar o vídeo, realizamos uma discussão sobre literatura marginal Expliquei que segundo Chardie Batista (2015)²⁴ o termo vem desde da década de 1970, mas que nessa época os integrantes desse movimento eram em sua grande maioria pertencentes a classe media e tinham como objetivo produzir um estilo artístico a margem do mercado “formal”. Esse movimento ganha novas direções partir da década de 1990, com produções vindas da periferia de São Paulo. E que já em 2000 o escritor paulistano Ferréz, impulsionou seus primeiros textos. Diferente das ações anteriores essa proposta vem de um movimento marginal de grupos das periferias paulistanas, com linguagens coloquiais e muitas gírias, trazendo nessa literatura a simbologia utilizada nos bairros periféricos da grande São Paulo, trazendo o cotidiano da comunidade, dando vozes aquelas pessoas.

Esse movimento literário, junta-se com outras expressões culturais como o próprio o Movimento Hip Hop, evidenciando que ali na periferia existe constante produção artística. Dando a voz a sociedade que está à margem da sociedade, tanto

²⁴ Um panorama da literatura marginal. Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/um-panorama-da-literatura-marginal/>>. Acesso em: 28/06/2016.

culturalmente, socialmente e ou financeiramente. Essa expressão artística, tem maneiras próprias de divulgação entre as comunidades, umas dessas formas são os sarais, onde a população tem um espaço para declamar poesia, apresentação de músicas e danças e incentivando á leitura nesses bairros. A seguir a transcrição do poema “Magia Negra” de Sérgio Vaz (2012):

Magia negra era o Pelé jogando, Cartola compondo, Milton cantando. /
Magia negra é o poema de Castro Alves e o samba de Jovelina... /
Magia negra é Djavan, Emicida, Racionais MC’s, Thalma de Freitas, Simonal. /
Magia negra é Drogba, Fela kuti, /
Magia negra é dona Edith recitando poesia no Sarau da Cooperifa. Carolina de Jesus é pura magia negra. Garrincha tinha 2 pernas mágicas e negras. James Brow e Milton Santos é pura magia. /
Não posso ouvir a palavra magia negra que me transformo num dragão. /
Michael Jackson e Michael Jordan é magia negra. /
Cafu, Milton Gonçalves, Dona Ivone Lara, Jeferson De, Robinho, Daiane dos Santos é magia negra./
Magia Malê Luísa Mahin Calafate. /
Fabiana Cozza, Machado de Assis, James Baldwin, Alice Walker, Nelson Mandela, Tupac, isso é o que chamo de escura magia. /
Magia negra é Malcon X. Martin Luther King, Mussum, Zumbi dos Palmares, João Antônio, Candeia e Paulinho da Viola. Usain Bolt, Elza Soares, Sarah Vaughan, Billy Holliday, Nina Simone é magia mais do que negra. /
Eu faço magia negra quando danço Fundo de quintal e Bob Marley. /
Cruz e Souza, Zózimo, Spike Lee, tudo é magia negra neles. Umoja, Espirito de Zumbi, Afro Koteban... /
É mestre Bimba, é Vai-Vai é Mangueira, todas as escolas transformando quartas-feira de cinzas em alegria de primeira. /
Magia negra é Sabotage, MV Bill, Anderson Silva e Solano trindade. /
Ondjaki, Ana Paula Tavares, João Mello...
Magia negra. /
Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo. /
Magia negra é o RAP, O Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Africabambaataa. /
Magia negra é magia que não acaba mais. /
É isso e mais um monte de gente que é magia negra. /
O resto é feitiço racista.²⁵

²⁵ Colecionador de Pedras Disponível em:<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/2012/07/magia-negra-magia-negra-era-o-pele.html>>. Acesso em: 28/06/2016.

Popularmente, a expressão “magia negra” tem um peso pejorativo e preconceituoso, usada para remeter-se à feitiçaria obscura e forças malignas. No entanto, o poeta Sérgio Vaz, faz uma narrativa que desconstrói a expressão trazendo várias personalidades afrodescendentes, brasileiras e internacionais. Com a exposição do vídeo foram surgindo dúvidas, piadas, termos utilizados no senso comum como:

Macumba / candomblé / Saravá / diabólico / Magia Negra / maligno
--

São nessas pequenas “brincadeiras”, que muitas vezes encontra-se o principal naturalizador do racismo, presente na sociedade. A antropóloga Rita Segato (2006), nos coloca que esse racismo estruturado é o mais comum na sociedade brasileira, esse racismo se manifesta muitas vezes em “ações inocentes”, entretanto não podemos desconsiderá-lo como prática de discriminação racial, justamente por ser um dos que mais afeta as vítimas, seja na escola, no supermercado, no trabalho, no ponto de ônibus e em outros locais de convívio cotidiano. Essa ação silenciosa de discriminação automática, faz com que o racismo seja naturalizado e torne-se quase imperceptível.

Na segunda parte da atividade explanamos sobre algumas leis constitucionais. Enfatizei a lei 13 de maio de 1997, com o intuito de puxar o debate para formas de defesa constitucionais contra o racismo. Como segue,

LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional." "Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa.

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa.

§ 2º Se qualquer dos crimes previstos no **caput** é cometido por intermédio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza:

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa.

Vide Lei nº 12.735, de 2012

Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **O**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 2º (Vetado).

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, obstar a promoção funcional. (Incluído pela Lei nº 12.288, de 2010) (Vigência)

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Art. 4º Negar ou obstar emprego em empresa privada.

Nesse debate houve questionamento por parte de um jovem negro como que coloca:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">- “Existe racismo sim, tem alguns lugares que ficam me olhando com olhar diferente”- “ É difícil arrumar emprego, pois pedem um padrão ”. |
|--|

Nessas falas fica evidenciado um racismo velado. Esta é uma das formas em que o racismo se manifesta como explica Rita Segato (2006) explica que justifica inúmeras ações racistas e discurso de ódio. Ressalta a autora:

Um racismo prático: automático, irrefletido, naturalizado, culturalmente estabelecido e que não chega a ser reconhecido ou explicitado como atribuição de valor ou ideologia. Opõe-se aos racismos fundamentados numa consciência discursiva. O professor de escola que simplesmente não acredita que o aluno negro possa ser inteligente, que não o ouve quando fala nem o percebe na sala de aula. O porteiro do edifício de classe média que não pode conceber que um dos proprietários seja negro. A família que aposta sem duvidar nas virtudes do seu membro de pele mais clara. Esse tipo de atitude aparentemente irrefletida é a que resulta na reprodução do processo contínuo de exclusão de grande porte que chamamos de “racismo estrutural” e “racismo institucional”, e que resiste à identificação de uma autoria ou à alocação de responsabilidade. (SEGATO, 2006, p.79).

Perguntei se eles já tinham sofrido algum tipo de violência proveniente do racismo. A maioria das respostas apontaram que em blitz policiais ouviram ofensas racistas nas quais era comum serem chamados de “macaco”, “negrinho”.

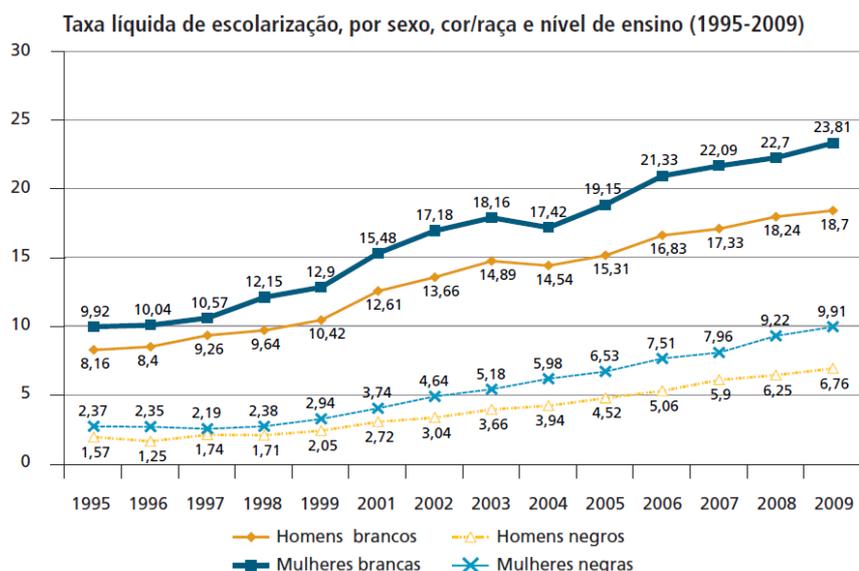
No final desta ação foi possível perceber a importância de conhecerem a legislação. Ter acesso a instrumentos legais e conhecer direitos torna-se determinante para o enfrentamento das práticas de racismo.

3º Roda de Conversa – Em terra de chapinha quem tem cacho é rainha - identidade da mulher negra.

Em nosso terceiro encontro apresentamos um vídeo, da MC Yzalu o nome da música é “Mulheres Negras” e foi escrita pelo compositor Eduardo do “Fação Central” e dada de presente para a artista. Debates sobre o empoderamento da mulher negra através da estética. E a visibilidade da mulher negra na sociedade. Depois de assistirmos o vídeo que continha a música juntamente com a letra, para facilitar a compreensão do rap, analisamos alguns dados estatísticos sobre percentual de desemprego, feminicídio e escolaridade.

FIGURA 5 - Taxa de escolarização por sexo, cor/raça e nível de ensino.²⁶

26 Taxa de escolarização por sexo, cor/raça e nível de ensino. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.files.wordpress.com/2014/07/mulheres-negras-ensino-superior-1.png>>. Acesso em: 28/06/2016.



Com esses dados discutimos a evasão de estudantes no próprio Colégio Carlos Drummond de Andrade, quantos estudantes negros temos em sala de aula? Quantos terminam o ensino médio? Algumas colocações dos estudantes como:

- “Muitos dos nossos colegas não seguem o ensino conosco”
- “Muitos param de estudar para trabalhar”
- Ou no caso das mulheres “Muitas meninas pararam de estudar pois ficaram grávidas”

Com esses dados podemos colocar em “xeque”, a tão exaltada “democracia racial”. A realidade brasileira é outra, as desigualdades raciais são visíveis e nos levam a consequências graves a parcela da população afro-brasileira, com resquício de um sistema colonial e escravocrata, onde fomos o último a país na América Latina a abolir oficialmente a escravidão em 1888.

Para a maioria da população Brasileira, o acesso a educação é uma das ferramentas para poder ter melhores condições e oportunidades no mercado de trabalho. Entretanto essas condições são muitas vezes negadas e dificultadas para a parcela da população negra, pois em sua grande maioria vivem em condições de baixa renda e os jovens dessa família, geralmente tem que ajudar no sustento da família, deixando a escola cedo para poder trabalhar. No caso das mulheres negras, muitas delas além de

terem que trabalhar no sustento da casa, são as responsáveis pela manutenção da casa, com tarefas de limpeza, cuidar de seus irmãos mais novos ou de seus próprios filhos.

Outra discussão que foi colocada nas rodas de conversa, foi o empoderamento da mulher negra, através da estética, o cabelo crespo como uma forma de militância e luta. Os jovens colocaram que agora estão usando o “cabelo natural” e que muitos artistas nas grandes mídias estão assumindo seus cabelos crespos, como por exemplo o ator Lazaro Ramos e a atriz Tais Araújo. Esta discussão foi realizada com a ajuda da análise da letra de rap “Mulheres Negras” da Rapper paulista Yzalu, a seguir a transcrição do rap:

Fazer o meu povo entender que é inadmissível
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino;
Cansei de ver a minha gente nas estatísticas,
Das mães solteiras, detentas, diaristas.
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente,
Não me compra e não me faz mostrar os dentes;
Mulher negra não se acostume com termo depreciativo,
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino;
Nossos traços faciais são como letras de um documento,
Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos;
Fique de pé pelos que no mar foram jogados,
Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados.
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria
É atrair gringo turista interpretando mulata;
Podem pagar menos pelos os mesmos serviços,
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços;
Menosprezar a nossa contribuição para cultura brasileira,
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra.²⁷

Nessa etapa, as meninas que tinham os cabelos crespos colocaram suas vivências e como sofriam preconceito em sala de aula. Tivemos a colaboração da pedagoga que acompanhou essa roda de conversa juntamente com a professora. A pedagoga que é uma mulher negra e assume o cabelo crespo. Algumas falas como:

²⁷ RODRIGO, Joaquin. Concierto de Aranjuez. In.: **RAFAEL Jiménez guitar**. St. Helier: Guild, c2000. 1 CD. Faixas 4-5 (22 min 43).

- “Cabelo de Bombril”

- “Cabelo Ruim”

A educadora negra Nilma Lino Gomes (2002), ressalta a importância de analisarmos a relação entre o corpo, o cabelo e a construção da identidade dos estudantes negros dentro do ambiente escolar. A autora coloca que não é uma tarefa fácil, mas que um dos caminhos para conseguirmos é o desenvolvimento de uma escuta das vivências desses jovens educandos negros tanto no ambiente escolar como fora dele. Com a frase dessas jovens podemos perceber que há um resquício colonial e europeu de um ideal de beleza e de comportamento, onde os demais sujeitos que não se encaixam nesse ideal são vistos de forma depreciativa, o que leva a frases racistas e preconceituosas.

A corporalidade e o assumir o cabelo crespo emerge como uma ferramenta de construção identitária. Justamente pelo peso histórico nos traços Africanos (nariz, boca, cabelo entre outros). Durante a escravização, materializou-se o corpo negro como mercadoria, servia para o trabalho braçal e bruto e as diferenças intrínsecas nesse corpo serviram para justificar essa escravização, comparando com os traços corporais do colonizador Europeu.

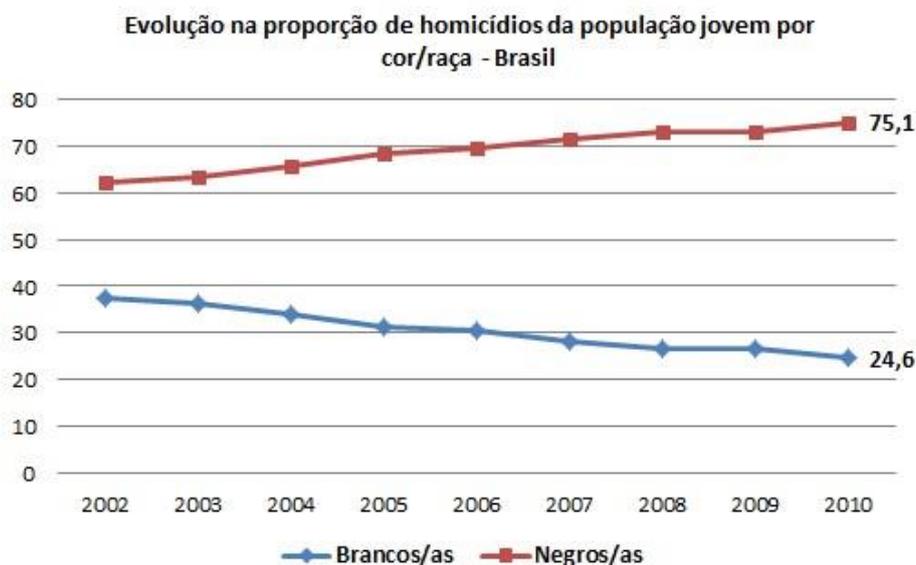
Esse ideal de corporalidade serviu de argumento para a realização de um padrão de beleza que preza pelo “clareamento”. Com a fala dessas jovens podemos refletir que esse padrão está presente contemporaneamente em nossa sociedade e principalmente no âmbito escolar. Entretanto é nesse âmbito escolar que temos que desconstruir essas feridas históricas, a fala da pedagoga que é uma mulher negra e assume o cabelo crespo, foi importante nesse debate, pois colocou que usava o cabelo crespo no âmbito escolar justamente para incentivar outras estudantes a assumirem seus cabelos naturais, ressaltando a importância da vivência do educador dentro da sala de aula.

4º Roda de Conversa – Homens e mulheres de aço.

Em nosso quarto encontro apresentamos o vídeo do grupo de Rap de São Paulo DMN com a música “Homem de Aço”. Debates sobre os dados de assassinados da população negra no Brasil e o papel do Movimento hip hop na militância. Depois de

assistirmos o vídeo que continha a música juntamente com a letra, para facilitar a compreensão do rap, analisamos alguns dados estatísticos sobre percentual de homicídio da população jovem negra no Brasil.

FIGURA 6 - Taxa de homicídio da população jovem por cor/raça no Brasil ²⁸



Com esses dados discutimos sobre a taxa de assassinatos no Brasil, onde segundo *Mapa da Violência* (2012), realizado pela FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), o Brasil está vivendo uma “epidemia” de morte de jovens negros e pobres. Ao debatermos sobre a porcentagem de jovens negros, muitos desses jovens relataram que:

- “Tinham em suas famílias, ou ciclo social, perda de primos, parentes ou até irmãos, em sua grande maioria negros”.

Com essas falas podemos perceber que essa “epidemia” está presente em todos os estados do Brasil, e coloco o lugar de onde falamos, da cidade de Foz do Iguaçu, numa fronteira, onde segundo o docente da UNIOESTE (Universidade do Oeste do Paraná) José Afonso de Oliveira (2005) no livro: *Mortalidade de Adolescentes em Foz*

²⁸ Taxa de homicídio da população jovem por cor/raça no Brasil. Disponível em: < <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2013/11/13/epidemia-de-mortes-de-jovens-negros-e-pobres-no-brasil/> >. Acesso em: 28/06/2016.

do Iguazu 2001/2004, as principais vítimas desses homicídios são jovens entre 12 e 25 anos, mortos por armas de fogo em decorrência do tráfico de droga.

Mas como parte da população reage nessa situação? Como os movimentos sociais reagem? Vamos tomar como exemplo o Movimento hip hop da cidade, onde a expressão artística vai além e tem um cunho de responsabilidade social, com suas letras de rap politizadas e de protesto, reivindicando políticas públicas para a população negra e pobre. Podemos perceber no trecho da letra de rap “Homem de Aço” (2003) do grupo paulista DMN :

Eu sei o quanto é difícil suportar derramo o meu suor e sei valorizar
no limite da humildade faço o meu espaço me considero um Homem
de Aço. Sei que não é fácil. Sei que não é fácil. Sei que não é fácil.

As letras de rap são formadoras de opinião de muitos jovens de periferia. Não foi incomum na rodas de conversa que jovens falassem que escutavam rap como Racionais MC's ou Emicida e que achavam verdades naquelas musicas. Em uma dessas atividades um jovem da sétima série, se acercou e pediu para trazer na próxima roda de conversa uma letra de rap, da qual gostava muito e que aprendeu a gostar de rap com seu irmão mais velho. A letra em questão era o “Pacto com o diabo” de um grupo de São Paulo o Facção Central. Fiquei contente com a iniciativa do jovem pois desde do começo das rodas de conversa, expressei que seria muito útil a participação deles na construção da roda de conversa. Discutimos sobre algumas partes da letra, principalmente sobre o debate da pobreza. Segue a letra de rap:

Sinto muito não poder atender seu pedido,/ mais deixa o nome completo e o
endereço por escrito./ Na lista de espera sua ficha ficou cadastrada,/ te mando um
telegrama surgindo vaga./ Em São Paulo nasce uma favela a cada 8 horas,/ o
mosaico de tijolo vermelho é eterno canteiro de obras./ Não comporto o show room
de almas de todos os modelos,/ quando a cruz não é doril,/o tridente alivia o
inferno./ Ouço suplicas do mutirão sem rede de água, / esgoto, energia elétrica,
calçada./ Na porta do inferno pus guardião com lança chamas,/ temendo uma
invasão dos sem esperança./ Dei emissora pro camelô, pro padre holofote,/ fiz, a
IBM, a coca cola, a Microsoft.

Nessa letra o rapper Eduardo, MC do grupo Facção Central coloca a desigualdade existente no sistema capitalista. Discutindo a desigualdade como uma ferramenta estrutural do racismo. Segundo a pedagoga negra Joana Passos (2010), o racismo é definidor das desigualdades sociais que a população negra está submetida, pois institui suas condições sociais. A perpetuação da estrutura da desigualdade social na sociedade brasileira é fruto de uma materialização racista.

Pensando em conjunto, elaboramos que na próxima atividade iríamos fazer uma roda de conversa voltada para a construção da sociedade brasileira, abordando sua composição étnico-racial e como isso influencia diretamente na construção das chamadas “favelas”.

5º Roda de Conversa – O quilombo virou favela.²⁹

Em nosso quinto encontro apresentamos a reportagem: “Consciência da população foi importante para a independência de países Africanos” da TVBrasil. Apresentamos um panorama sobre o processo de formação das periferias e como o período da escravização foi determinante para seu surgimento. Posteriormente analisamos a letra de rap do MC’s Mano Zeu, onde relata as vivências de ser um morador de Foz do Iguaçu e a participação ativa dentro do Movimento hip hop na cidade, a qual está presente de forma frequente em suas rimas, mais do que isto, em suas narrativas musicais nas quais realiza reflexões e debates importantes sobre a própria cidade.

Depois de assistirmos a reportagem que continha informações sobre a independência dos países Africanos e a trajetória dos navios negreiros com a população escravizada até o continente Americano. Analisamos a imagem a seguir

FIGURA 7 - Rotas do tráfico dos navios negreiros.³⁰

²⁹ Grupo de Rap Z’afrika Brasil - Antigamente Quilombo, Hoje Periferia

³⁰ Rotas do tráfico dos navios negreiros. Disponível em: < <https://umhistoriador.wordpress.com/tag/escravidao/> >. Acesso em: 28/06/2016.



Começamos a nosso debate lembrando que o fim da escravização aconteceu em 1888 e paralelamente houve a vinda dos imigrantes europeus. Quando a população Afro descente conseguiu, depois intensas lutas e revoltas, a assinatura da lei Áurea, houve uma mudança social. Onde os donos de terra não podendo institucionalmente ter escravos, começaram a contratar mão de obra de colonos vindo da Europa.

A escritora negra Lelia Gonzalez (1982), coloca que nesse processo “pós-escravização” a população negra não teve opções e foram buscar moradias e terras para o cultivo e subsistência longe do chamado centro, formando núcleos familiares e sociais. Com esse fenômeno social persiste a marginalização da população negra na sociedade brasileira. Com o desenvolvimento industrial no Brasil tivemos um crescimento demográfico acelerado, contribuindo para o crescimento desses núcleos sociais marginalizados, posteriormente chamados de “favelas”. Algumas falas como:

- “O bairro Morumbi é uma favela”

Esta fala evidencia que os jovens consideram que moram numa periferia. Que são pertencente a uma área periférica e que se identificam com a narração feita pelo MC’s Mano Zeu. Posteriormente trabalhamos a música do Rapper Mano Zeu que em

suas rimas: “*Fala Favela Fala*” podemos perceber nesse pequeno trecho: “Fala, favela, fala solta o grito do peito/ fala do jeito do gueto/ fala por que ninguém cala o desejo da gente de se expressar” onde podemos perceber a fomentação de mostrar o outro lado da favela a descriminalização das favelas. Numa determinada parte da música nos mostra que ali não é só bala ou violência, mas sim que há poesia e um jeito único de ser das pessoas que vivem naquele espaço e que a favela tem que falar e ser ouvida. Levando assim ao debate onde esses jovens foram bastante participativos e interessados, fizemos trocas de experiências e situações de racismo e violência já vivenciadas, ambas as partes se escutaram, promovendo um processo de aprendizagem coletiva.

6° Roda de conversa e atividade de encerramento – Ritmos afrobrasileiros: Levanta negro, cativoiro acabo.³¹

Em nosso sexto e último encontro, propus que as atividades fossem feitas na quadra pois iríamos trabalhar os ritmos afrobrasileiros. Para realizar essa atividade tive ajuda de quatro companheiras de curso de antropologia³², apresentamos sobre a três ritmos da cultura Afrobrasileira: O jongo e o coco. Como tínhamos o objetivo de apresentar cada ritmo desses tocados por cada uma de nós, tivemos a colaboração do Grupo Afoxé Ogun Funmilayo, que gentilmente nos emprestaram alguns instrumentos como a Tumbala, uma espécie de tambor menor, um pandeiro, um agogô (instrumento de metal, que serve para dar o agudo) e xequere instrumento feito da poranga da cabaça e ao redor tem miçangas.

Apresentamos cada um dos ritmos e a sua história. Começamos pelo jongo³³, que é um ritmo que teve suas origens na região do Congo-Angola, trazido pela população escravizada para o trabalho forçado nas fazendas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Para essa população escravizada o jongo era uma música para trocas e confraternizações. O segundo ritmo apresentado foi o Coco³⁴, dança

³¹Trecho retirado de musica de jongo intitulada: Pedro e Tereza

³²Nomes das companheiras de curso: Lais Cabral, Luciana Yumi Yara, Helen Janete Capuzzo, Marianna Nunes e Marília.

³³ História do jongo no brasil. disponível em: <http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-nobrasil.Abrasil/>. Acessado em :01/07/2016.

³⁴ Coco (dança). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=556. Acessado em : 01/07/2016

também de influencia Africana, praticada pela população escravizada na região nordeste do Brasil. Atualmente é praticado nas festividades juninas, é dançado com uma pisada forte e desafiadora.

Como esse dois ritmos são dançados em roda, colocamos a cadeira em posição de círculo e fizemos uma grande roda na quadra de esporte do Colégio, nessa atividade a equipe pedagógica pediu para que trabalhássemos com as 4 turmas, pois assim poderíamos ter mais tempo para desenvolver a atividade. Depois que apresentamos os ritmos e as suas contextualizações históricas, começamos a ensinar a dançar cada um deles como éramos em 5 mulheres, 2 ficaram tocando e as outras três ensinando aos jovens a dança. Convidamos alguns jovens para dançarem conosco, no começo ficaram um pouco tímidos, mas com o tempo foram se aproximando e dançando.

FIGURA 8 – Dançamos.



Com esse envolvimento dos estudantes podemos perceber como as letras de Rap, servem como aporte para a aproximação do cotidiano de alguns desses estudantes em sala de aula. Com trocas de experiência e uma vivência conjunta de curiosidades e aprendizagem mutua. Nesta perspectiva, as práticas do Movimento hip hop apresentam-se como um importante aporte pedagógico para abordar os conteúdos sobre as culturas e história africana e afro-brasileiras no sentido de contribuir com a implementação da Lei.

4 Considerações Finais

Esta monografia tem como principal objetivo contribuir para a implementação da Lei 10.639/03 no Colégio Carlos Drummond de Andrade. Refletindo sobre a trajetória da população negra na relação com a educação brasileira destacando que em muitos momentos desta história, esta última foi utilizada para transmitir práticas de invisibilização das populações negras e indígenas. Ou, quando estas populações estavam visibilizadas no material didático-pedagógico, eram através de referências negativas e preconceituosas.

No trabalho tentamos narrar a importância da conquista de leis e de ações afirmativas como essa que contribuem para o fortalecimento da criação identitária de jovens negros dentro do ambiente educacional. Essa criação só é possível quando oferecemos aos indivíduos a oportunidade de contar e conhecer suas vivências e ancestralidades, conseqüentemente, suas histórias e culturas.

Com ações como essas, podemos trabalhar não somente com jovens negros, mas também com não negros, desenvolvendo um convívio de respeito com a diversidade.

A proposta de levar o rap para dentro do ambiente escolar, possibilitou um debate mais próximo da realidade daqueles jovens. O rap sendo uma narrativa que problematiza as relações sociais, atua como uma ferramenta de reivindicação de muitos jovens da periferia.

A forma como os MC's rimam e com a junção da batida ritmadas pelo DJ's, ajudam no interesse dos jovens, pois em sua grande maioria aqueles jovens já escutavam rap em seus ambientes sociais.

Obtivemos a participação ampla, tanto dos jovens, quanto da equipe profissional da escola, ajudando a desenvolver o projeto. Mostrando o interesse de trazer novas experiências para dentro do Colégio.

O resgate da história e da ancestralidade, tem um papel preponderante para a construção da identidade racial desses jovens dentro do ambiente escolar, de modo que fortaleça sua auto-estima e para a reafirmação cultural da população negra num contexto de diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Valmir Alcântara. "De repente o rap na educação do negro: O Rap do Movimento Hip-Hop Nordestino como Prática Educativa da Juventude Negra." (2008).
- ANDREWS, G. R. (2007). América Afro-Latina, 1800-2000. São Carlos,
- ARCE, José M. Valenzuela. O funk carioca. In: Herschmann, Michael. Abalando os anos 90: funk e hip hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BARBOSA, Muryatan Santana. "Eurocentrismo, História e História da África". Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, nº 1, p. 46-63, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. Vol. 33. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAROS AMIGOS, Revista (2005). Edição Especial: hip-hop hoje (24). São Paulo, Casa Amarela.
- CORREA, Gabriel Siqueira, and Thyago Farias De Araujo. "A produção de não existência do negro na formação do território brasileiro: um ensaio sobre o branqueamento do território." *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador-BA*. 2011.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Vol. 120. Editora UFMG, 2005.
- DE MELO OLIVEIRA, Fabiana Aparecida, and Laís Pereira Leonel da Silva. "Inserção da linguagem poética oral—uma aposta no rap como prática pedagógica." *Nau Literária* 9.2.. 2013
- DE MELO OLIVEIRA, Fabiana Aparecida, and Laís Pereira Leonel da Silva. "Inserção da linguagem poética oral—uma aposta no rap como prática pedagógica." *Nau Literária* 9.2.
- DE OLIVEIRA Piza, Suze, and Daniel Pansarelli. "Sobre a descolonização do conhecimento: a invenção de outras epistemologias." *Estudos de Religião* 26.43 (2012): 25-35.
- DE PEDAGOGIA, C. U. R. S. O., and JOSENILDA DÉBORA SANTOS SILVA. "rap: uma experiência pedagógica na reafirmação da cultura da criança negra." 2009
- DE SOUZA, Aparecida Darc. "Os trabalhadores e a história do turismo em Foz do Iguaçu/PR (1970-2000)." *CEP* 85960: 000.

- DE SOUZA, Edson Belo Clemente. "Contextualização política da construção da barragem de Itaipu." (2005).
- DIOGO, Rosália. *Mídia e racismo: ensaios*. Mazza Edições, 2004
- DOMINGUES, Petrônio. "Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos." *Revista Tempo* 12.23 (2007): 100-122.
- DOS PASSOS, Joana Célia. "As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e adultos." (2012).
- DOS SANTOS, Ana Paula. "História oral e memória: uma abordagem acerca da construção da hidrelétrica de Itaipu." *Patrimônio e Memória* 1.2 (2007): 188-193.
- EDUFSCAR. BACK, A.; CARVALHO, R. (2010). *Afirmção da Identidade Negra nos versos do Hip-Hop*. 17 min. (documentário).
- FANON. "Racismo e cultura" [1956]. In: SANCHES, Manuela R. (org.). *Malhas que osimpérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa:
- FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado." (2012).
- FERMINIO, Patrícia Corrêa, and Ângela Cristina di palma back. "rap-gênero discursivo como estratégia pedagógica: indo além dos livros didáticos." *revista de iniciação científica* 9.1 (2014).
- FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. Plano Diretor de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: 2006.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. "Pedagogia da pesquisa-ação." *Educação e pesquisa* 31.3 (2005): 483-502.
- FREIRE, PAULO. *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra, 2014.
- GILROY, Paul. *Observância Racial, Nacionalismo e Humanismo*. In: *Entre Campos*:
- GOLDMAN, Marcio. "Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia." *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)* 13.13 (2005): 149-153.
- GONZALEZ, EMILIO. *MEMÓRIAS QUE NARRAM A CIDADE: Experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu*. Diss. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GONZALEZ, LÉLIA, AND CARLOS ALFREDO HASENBALG. *Lugar de negro*. Vol. 3. Editora Marco Zero, 1982.
- GUIGOU, L. Nicolás; BASSINI, José E. *Inscribir, escribir las ciudades*. In: *Anuario Antropologia Social y Cultural emUruguay* . 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. "Como trabalhar com" raça" em sociologia." *Educação e Pesquisa* 29.1 (2003): 93-107.

HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" in SILVA, Tomaz Tadeu (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011c.

HALL, Stuart. *Da diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora

HERSCHMANN, M. *Abalando os anos 90 – Funk e Hip Hop – Globalização, violência e estulo cultural*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1997.

IBGE. Censo populacional 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41> Acesso em: 30/06/2016.

JESUS, Jaqueline de, Rosália Diogo, and Paulo Granjo. *O que é o racismo*. Escolar Editora, 2014.

LIMA, PERCI. *Foz do Iguaçu e sua história*. Foz do Iguaçu: Independente, 2001.

LINO, NILMA GOMES. "Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?." *Revista Brasileira de Educação* 21 (2002): 40-51.

MANO ZEU. *Brasil Ilegal (CD)*. Foz do Iguaçu, 2009.

MANO ZEU. *Movimento hip hop em foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: UNILA, novembro de 2011. Entrevista concedida a Angela Maria de Souza, Santiago Salles, Ronaldo Silva.

MELO, Melissa Moura, and Marco Antonio Sarreta Pogli. "Apresentação à entrevista com Jeanne Favre-Saada." *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)* 20.20 (2011): 191-193.

MOASSAB, A. (2011). *Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo, EDUC.

MOTTA, A.; BALBINO, J. (2006). *HIP HOP – A Cultura Marginal: Do povo para o povo*. São João da Boa Vista, UNIFAE.

MUNANGA, K. (2012) *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte, Autêntica.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude-usos e sentidos*. Autentica, 2015.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. UNESCO, 2005.

MUNANGA, Kabenguele. "Por que ensinar a África na escola brasileira." *Disponível [http://www. capoeiravadiacao. org/attachments/250_Porque% 20ensinar% 20a 20](http://www.capoeiravadiacao.org/attachments/250_Porque%20ensinar%20a%20)* (2008): C3.

NOGUEIRA, Oracy. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil." *Tempo social* 19.1 (2007): 287-308.

PEIRANO, Mariza GS. A favor da etnografia. No. 130. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.

POCH PLÁ, Pedro. **Del Mensaje a la Acción: Construyendo el Movimiento HipHop em Chile (1984-2004 y mas allá)**. Santiago: Editorial Quinto Elemento, 2011.

POSTALI, T. (2011). O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira. In: Revista Cultura Crí-ti-ca, n. 14. São Paulo, Apropuc. pp. 07-15.

PUTTINI, Marcos Vinicius. "Pedahopia: pedagogia e Hip Hop em roda e (en) canto." *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros*(2012).

RIBEIRO, G. D - As muitas faces de Foz do Iguaçu partir do Movimento Hip Hop – Paraná. Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2008, pelo curso de História – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

ROSA, Allan Santos da. Pedagogia, autonomia e mocambagem. Rio de Janeiro, 2013.

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hiphop. In: HERSCHMAN, M. (Org.). Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, cap. 8, p. 190-213.

SEGATO, Rita Laura. "Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais." *Mana* 12.1 (2006): 207-236.

SEGATO, Rita Laura. "Cotas: por que reagimos?." *Revista USP* 68 (2006): 76-87.

SEGATO, Rita Laura. *Raça é signo*. Vol. 372. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2005.

SOUZA, A. M.; SANTANA, J. J.; SILVA, Ronaldo. Rap na fronteira: Narrativas poéticas do Movimento hip hop. Tomo (UFS), v. 25, p. 9-26-26, 2014.

SOUZA, Angela M. "A caminhada é longa... e o chão tá liso": O Movimento hip-hop em Florianópolis e Lisboa. Florianópolis: Tese de Doutorado em Antropologia, UFSC, 2009.

SOUZA, R. L. (2011). As Vozes da África: o gueto forja sua cultura. In: Revista Cultura Crí-ti-ca, n. 14. São Paulo, Apropuc. pp. 25-37.

TONI C. (2007) É Tudo Nosso! – O Hip-Hop fazendo história. 180 min. (documentário).

TRINDADE, Azoilda Loretto da. "O racismo no cotidiano escolar." (1994).

UFMG; Brasília: representação da Unesco no Brasil, 2011b.

VIANNA, H. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.